



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM TEATRO

SÁVIO RODRIGO FURTADO MARQUES

A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM TEATRO E A INCLUSÃO: UMA REFLEXÃO DESTA
RELAÇÃO NA FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM TEATRO A PARTIR DOS
ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Macapá – AP
2019

SÁVIO RODRIGO FURTADO MARQUES

A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM TEATRO E A INCLUSÃO: UMA REFLEXÃO DESTA
RELAÇÃO NA FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM TEATRO A PARTIR DOS
ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, sob orientação do Prof. Me. Emerson de Paula Silva como requisito final para aprovação.

Orientador: Prof. Me. Emerson de Paula Silva

Macapá – AP

2019

SÁVIO RODRIGO FURTADO MARQUES

A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM TEATRO E A INCLUSÃO: UMA REFLEXÃO DESTA
RELAÇÃO NA FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM TEATRO A PARTIR DOS
ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, sob orientação do Prof. Me. Emerson de Paula Silva como requisito final para aprovação.

Macapá – AP, 16 de dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Emerson de Paula Silva

Universidade Federal do Amapá

Prof. Me. José Flávio Gonçalves da Fonseca

Universidade Federal do Amapá

Profa. Esp. Dilma Terezinha da Silva Barreto

Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo pelo esforço pessoal, por não ter desistido apesar de tantas dificuldades e barreiras encontradas durante o percurso, pela paciência e cuidado que mantive durante todo esse tempo, pelo aprendizado e evolução que se obteve nessa pesquisa.

Ao meu orientador professor Emerson de Paula por toda ajuda concebida neste trabalho, por sempre me incentivar em melhorar cada vez mais acreditando no meu potencial onde muitas vezes nem eu mais acreditava e por todo conhecimento que me repassou nessa jornada.

Agradecer também pelo apoio recebido por parte do psicólogo Andreo Santos que me atendeu em 2018, período em que a organização da pesquisa teve início. Foi uma pessoa de extrema importância não somente na contribuição deste trabalho, mas também em minha vida, a cada sessão eu conseguia acreditar cada vez mais que conseguiria concluir essa etapa da minha carreira acadêmica.

Ao professor José Flávio Gonçalves da Fonseca e a professora Dilma Terezinha da Silva Barreto por terem aceitado o convite de comporem a banca desta pesquisa. Todas as suas contribuições e indagações foram de suma importância na concretização e evolução do trabalho.

As professoras Raquel, Fabiane e Jovelina, as quais me recepcionaram nas escolas que realizei os estágios supervisionados I, II e III respectivamente. Foram muito atenciosas e inspiradoras. Gratidão por todas as pessoas citadas aqui e por tantas outras.

"O ser torna-se humano ao descobrir o teatro."
(Augusto Boal)

RESUMO

Essa pesquisa tem o intuito de refletir sobre a formação do licenciado em Teatro e as práticas pedagógicas em Teatro-educação a partir das experiências proporcionadas pelos estágios supervisionados. É importante investigar esse âmbito pelo fato de ser necessário pensar cada vez mais na preparação e capacitação do professor de Teatro, para que o mesmo consiga trabalhar com qualquer aluno, sem nenhuma segregação. A pesquisa se torna original a partir do ponto de ser uma experiência própria enquanto artista-pesquisador-docente. Para melhor exploração desta pesquisa, ela é classificada como pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa não ficando somente na teoria, mas tendo também apontamentos de experiências práticas. O trabalho está estruturado da seguinte forma: uma introdução no qual se fala um pouco sobre a carreira acadêmica do autor, logo em seguida se discute sobre os direitos das pessoas com deficiência e a legislação, em sequência há os relatos das vivências dos estágios supervisionados, partindo para a discussão do fazer teatral que foi utilizado e o processo de inclusão na formação do licenciado em Teatro, finalizando com as considerações finais.

Palavras-chave: Teatro. Deficiência. Inclusão. Experiência. Formação.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the formation of drama licensing and the pedagogical practices in theater education from the experiences provided by supervised agents. It is important to investigate this factor because it is necessary to think more and more about the preparation and training of the drama teacher, so that he can work with any student without any segregation. A research becomes original from the point of being its own experience as an artist-researcher-teacher. To improve the exploration of this research, it can use as a field research with a qualitative approach, but not only with theory but also with indicators of practical experiences. The work is structured as follows: an introduction does not qualify a bit about the author's academic career, then immediately discusses the rights of persons with disabilities and the law, following there are reports of the experiences of supervised members, part for a discussion about theatrical that was used and the process of inclusion in the formation of the graduate in Theater, ending with the final considerations.

Keywords: Theater. Deficiency. Inclusion. Experience. Formation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
CERNDR	Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues
CONADE	Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
NEE	Necessidades Educativas Específicas
ONG	Organizações Não Governamentais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	A ESCOLA E A INCLUSÃO	13
1.1	A Legislação sobre a Inclusão das Pessoas com Deficiência na Escola	13
1.2	A Inclusão das Pessoas com Deficiência na Escola	16
1.3	O Teatro e A Inclusão.....	22
2	OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS II E III	25
2.1	O Estágio Supervisionado II	25
2.2	O Estágio Supervisionado III	30
3	A EXPERIÊNCIA DO FAZER TEATRAL INCLUSIVO	35
3.1	A Falta de Bibliografia e de uma Formação Profissional Inclusiva	35
3.2	A Prática de Estágio na Formação Docente.....	38
3.3	A Experiência do Teatro como Metodologia de Inclusão.....	40
3.4	A Inclusão como Experiência no Fazer Teatral	43
3.5	AS Possíveis Experiências a partir do Fazer Teatral.....	46
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	49
	ANEXO A — Projeto de Estágio Supervisionado II: “Como Utilizar o Teatro como Ferramenta de Inclusão?” e planos de aulas.....	52
	ANEXO B — Projeto de Estágio Supervisionado III: “Como Trabalhar o Teatro com Indivíduos com Necessidades Específicas Físicas ou Psicológicas?” e planos de aulas	72

INTRODUÇÃO

Comecei a fazer Teatro em 2014 quando eu tinha 17 anos e foi um acontecimento que surgiu a partir da minha curiosidade sobre a área. Minha família não tem um histórico de envolvimento com a arte, mas sempre acompanhou trabalhos de teledramaturgia como as novelas por exemplo, a partir disso que minha curiosidade sobre a área artística começou a se aflorar. Quando assistia novelas e também filmes, eu me perguntava como era ser alguém que você não é, como era esse processo de construção de personagem.

Eis que um dia assistindo ao jornal local na televisão, fico sabendo sobre um curso de Técnicas Teatrais ofertado pelo Centro Cultural Franco Amapaense na cidade de Macapá – AP. O curso teve duração de quase um ano e nesse curso senti que a minha vida ganhou sentido. Antes eu não sabia nem que faculdade eu iria fazer, mas durante essa experiência com o Teatro eu comecei a construir objetivos para a minha vida.

Durante este curso tive a oportunidade de entrar para o grupo de Teatro Arteatrum, pertencente ao professor que ministrava as aulas, Santiago Junior. Por motivos de estudos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) saí do grupo ainda no mesmo ano, mas pude participar de um dos trabalhos intitulado como “Óvel” que se tratava de uma esquete infantil. Nesse momento eu começava a entender um pouco sobre o que era o Teatro a partir dessa primeira experiência que me proporcionou vários conhecimentos.

O curso de Técnicas Teatrais do Centro Cultural Franco Amapaense foi realmente um divisor de águas em minha vida. Por meio também do professor Santiago Junior, tomo conhecimento do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Em 2015, me afasto do Teatro e dedico meu tempo para estudar para a prova do ENEM, este fato me fez acreditar mais ainda que eu estava no caminho certo, uma vez que a saudade que eu sentia do Teatro era muito grande. Em 2016, consigo entrar no curso de Licenciatura em Teatro da UNIFAP na primeira chamada do Sistema de Seleção Unificada (Sisu).

Cheguei no curso com um pensamento de que o Teatro era somente texto e palco, mas vi que se tratava de uma área muito maior, é uma área onde existem outras vertentes e que o dito palco pode ser uma sala de aula. Durante o curso venho me

formando em artista-pesquisador-docente procurando sempre desfrutar de todas as possibilidades que o Teatro proporciona.

Minha história no curso é de autoconhecimento e descoberta de um mundo, tanto que declaro que a Arte que faço expressa os meus pensamentos em relação ao mundo e os meus atravessamentos. O que a torna especial é o fato de eu fazer com amor pela vida e com esperança de que dias melhores virão através da Arte. O que me motiva a criar Arte é o que ela me transformou enquanto indivíduo e com isso sou capaz de transformar outros indivíduos que fruírem o meu trabalho. As emoções e ideias que tento transmitir são inquietações acerca de temas de problemáticas sociais onde as pessoas possam adquirir algum tipo de conhecimento.

Através do Teatro investigo a matéria mais pura do ser humano, busco desenvolver um espaço crítico-reflexivo sobre a vida, onde os corpos dos atores e das atrizes viram vários outros corpos de identidades diferentes. E para fazer a minha Arte busco inspiração em outros artistas que de alguma forma me fazem refletir sobre a vida através das suas Artes. O principal material que utilizo como ferramenta de trabalho é o meu corpo, pois com ele, dependendo das necessidades e justificativas do trabalho, eu posso ser quem eu quiser e estar onde eu bem entender.

Tento aproveitar ao máximo não somente o curso, mas também as oportunidades que a instituição (UNIFAP) oferece aos acadêmicos. Durante o curso fui selecionado em outro processo como bolsista do Programa de Residência Pedagógica da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo promover o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica. A escola onde estou realizando o projeto atende somente o fundamental II e se trata da Escola Estadual Irmã Santina Rioli que fica localizada na cidade de Macapá – AP.

Através do curso de Teatro já tive várias oportunidades de atuar como professor (em formação) ministrando aulas ou oficinas. Na Escola Estadual Professor José Firmo do Nascimento, localizada na cidade de Macapá – AP, ministrei oficina de Teatro por duas vezes para alunos do ensino médio dentro de um programa da escola; na Escola Estadual Professor Antônio Castro Monteiro participei da palestra “A história do Teatro” na abertura do projeto “Interarte: o mundo teatral e as palavras” para alunos

do fundamental II; na Escola Estadual Raimunda Virgulino por ser uma escola de tempo integral de ensino médio, havia um programa da instituição que visava o entretenimento dos alunos no intervalo do turno da manhã para tarde.

Atuei dentro dessa programação ministrando aulas de Teatro por um período de dois meses em dias de quartas e quintas; e através dos estágios supervisionados que são presentes na grade curricular obrigatória do curso. O primeiro estágio supervisionado pude realizar na Escola Municipal de Educação Infantil Cantinho do Amor, localizada na avenida Rio Xingu, nº 274, no bairro Perpétuo Socorro, no município de Macapá – AP. A turma que fiz a prática de observação foi uma de 2º período, eram em média 20 alunos e um deles tinha síndrome de Down. O segundo estágio foi em uma instituição privada, o Colégio Intergenius, localizado na Av Ernestino Borges, número 997, de esquina com a rua Julião Ramos, no bairro do Laginho, no município de Macapá - AP, onde estagiei em duas turmas, uma de quarto ano e outra de quinto ano. Cada uma tinha em média 25 alunos e em cada havia um autista. O terceiro estágio realizei no Centro Educacional Raimundo Nonato Dias que atende somente alunos com deficiência e fica localizado na Av Barão de Mauá no bairro Buritizal, na cidade de Macapá – AP.

O meu primeiro estágio supervisionado consistia apenas em analisar a rotina dos alunos na sala de aula e o ambiente escolar como um todo, totalizando 20 horas de observação. Na turma que fiz a prática de observação um dos alunos tinha síndrome de Down. A partir disso comecei a observar como era o ensino para esse aluno, se a professora era inclusiva, se os colegas de turma eram inclusivos, se a estrutura escolar era inclusiva, se a sociedade como um todo era inclusiva. Em resumo: passei a questionar se esse aluno com deficiência estava realmente inserido dentro do ensino como os outros e quais eram as dificuldades que impediam a prática pedagógica com o mesmo, mas também por quais razões essas dificuldades existiam.

Sobre o meu segundo estágio supervisionado, nada foi planejado em relação à temática de inclusão. Na escola onde estagiei, fiquei com duas turmas (quarto e quinto ano) e por um acaso, em cada uma das turmas havia um aluno autista. Pelo fato de haver estudado um pouco sobre essa área de inclusão no estágio anterior, decidi não ignorar esse fato e fiz novamente uma investigação sobre. Então, durante a observação me atentei em como esses alunos eram tratados pelos colegas e pela

professora, e no momento da regência busquei utilizar jogos teatrais nos quais esses alunos também pudessem participar.

No meu terceiro estágio supervisionado, eu já estava decidido que iria novamente trabalhar com essa temática, tanto que fui para um local onde atendem somente alunos com deficiência. O estágio foi enriquecedor para a minha pesquisa, uma vez que eu tinha que trabalhar de forma com que todos pudessem participar das aulas.

Portanto nesse trabalho pretendo investigar e debater um pouco sobre um ambiente escolar inclusivo às pessoas com deficiência e a prática pedagógica em Teatro a este público, refletindo a partir dos estágios supervisionados, a minha formação docente no que tange a relação Teatro e Inclusão.

1 A ESCOLA E A INCLUSÃO

1.1 A legislação sobre a inclusão das pessoas com deficiência na escola

É importante começar esse debate conceituando de forma básica duas palavras que serão muito utilizadas neste trabalho: deficiência e inclusão. Todo esse estudo é um convite à reflexão sobre a prática pedagógica em Teatro com pessoas com deficiência em sala de aula.

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. Diniz (2007) nos explica que:

Durante um longo período, deficiência foi sinônimo de desvantagem natural. Os saberes biomédicos dominaram o campo dos estudos sobre deficiência. A deficiência é um conceito complexo que, além de reconhecer o corpo com lesão, denuncia a estrutura social que aparta do convívio social a pessoa deficiente (p. 1).

A deficiência pode também surgir no decorrer da vida sendo adquirida, por exemplo, em um acidente de trabalho, ou seja, a deficiência não é apenas fruto do acaso da natureza. E sobre inclusão, seria o ato de incluir ou acrescentar uma pessoa ou um objeto em um grupo ou lugar no qual ele não faz parte. A sociedade, em sua maioria, acredita que pelo simples fato de um sujeito com deficiência estar adentrado em uma escola, devidamente matriculado, significa que ele esteja incluso no ensino. Duarte (2015) explica que:

Embora tendo avançado muito, algumas escolas ainda confundem o termo integração e inclusão, algumas tem uma visão equivocada, pensando que estão fazendo a inclusão, mas na verdade o que fazem é apenas integração. (...) Desse modo é necessário que toda a escola esteja disposta a avançar nesse sentido buscando se especializar para que a participação e aprendizagem sejam garantidas para seus estudantes (p. 4).

Existe a integração e a Inclusão, dois conceitos diferentes um do outro. A integração é o simples fato do aluno se adaptar à escola e a inclusão é o fato da escola se adaptar ao aluno. É integração o que ocorre na maioria dos casos no ambiente escolar.

As pessoas com deficiência formam um grupo de minoria, no qual a palavra minoria faz referência ao quantitativo de direitos já conquistados pelo grupo. A trajetória do movimento de luta das pessoas com deficiência se pauta na luta contra a discriminação, invisibilidade e desigualdade. Pessoas que se voluntariam com a causa, familiares e as próprias pessoas com deficiência, fazem com que a luta pelos direitos siga avançando, mesmo que em pequenos passos.

De forma breve e resumida, a história educacional das pessoas com deficiência no Brasil evoluiu no século XIX, com a educação especial de cegos e de surdos em internatos. No início do século XX estabeleceram-se as escolas especiais para crianças com deficiência mental nas redes paralelas ao ensino público devido à omissão do Estado. No início da década de 50, as pessoas com deficiência física eram ligadas à área da saúde, em centros de reabilitação, mantidos por iniciativa da população.

E isso é direito desses sujeitos como consta no artigo 208 da Constituição Brasileira, que é dever do Estado garantir "atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino". A legislação também explica que as escolas tenham professores de ensino regular preparados para ajudar alunos com necessidades específicas a se integrarem nas classes comuns. Ou seja, uma pessoa com deficiência tem direito de estudar em instituições comuns e é dever dos professores elaborar e aplicar atividades que levem em conta as necessidades específicas dela.

O órgão responsável pelas pessoas com deficiência a nível federal, que hoje se denomina como Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos das Pessoas com Deficiência é integrante da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Esse fato que ocorreu no ano de 2009, no governo Lula e foi conquistado com muita luta e resistência da classe. E isso proporcionou mais espaço e voz ao grupo para garantir seus direitos enquanto seres humanos com o intuito de promover maior liberdade e igualdade.

Existe uma lei brasileira de inclusão das pessoas com deficiência que seria a de nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que trata de assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais para a pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. O capítulo IV desta lei menciona especificamente os direitos à educação, onde consta o acesso ao ensino,

que deve ser inclusivo e de qualidade em todos os níveis e garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e a exclusão.

Entretanto, a realidade é diferente. Poderia citar todos os direitos que estão no capítulo citado, mas por ser muito amplo, estarei nesta pequena parte exemplificando de forma breve alguns direitos que constam na legislação, mas que não são exercidos no processo de ensino desses sujeitos. Exemplo disso seria o acesso da pessoa com deficiência, em igualdade de condições a jogos e a atividades recreativas, esportivas e de lazer no sistema escolar, como diz no artigo 28, tópico XV. Geralmente, não é o que podemos notar no cotidiano do ambiente escolar. Muitas vezes o aluno com deficiência não participa desses momentos pelo fato de como essas atividades são condicionadas de maneira que não incluem esses sujeitos.

Um outro caso seria a oferta de profissionais de apoio escolar, como consta no artigo 28, parágrafo XVII. Em alguns casos, é essencial ter um assistente dentro da sala de aula para auxiliar a pessoa com deficiência no seu processo de aprendizagem. É muito difícil encontrar esse amparo nas escolas. Encontramos muitos alunos com deficiência, mas não encontramos esse auxílio que seria indispensável, uma vez que ajudaria tanto o sujeito como o professor daquela sala de aula. Lidar com uma turma de trinta alunos onde um tem deficiência não é tarefa fácil. O professor não pode dar uma aula exclusiva para aquele sujeito, pois estaria excluindo os demais, mas sim, uma aula na qual esse educando possa estar incluído assim como os outros, e o profissional de apoio participaria de maneira fundamental para dar a atenção exclusiva que esse sujeito necessita.

O desafio atual é o cumprimento das leis anteriormente citadas, com efetivação das políticas de Estado, ações concretas e permanentes, responsabilização dos agentes públicos e da sociedade pelos atos de discriminação no cotidiano, implementação de acessibilidade em todas as áreas, como por exemplo, na Educação. É necessário fazer com o que está na legislação seja executado em sociedade, uma vez que estamos falando de direitos humanos. Para isso, todo e qualquer cidadão pode contribuir tomando conhecimento sobre isso para fiscalizar e assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, tirando esse sujeito de toda forma de violência, invisibilidade, negligência e discriminação.

1.2 A inclusão das pessoas com deficiência na escola

Em seu texto “A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade”, Maria Aparecida Gugel, Subprocuradora-geral do Trabalho e Conselheira do CONADE¹ (atualmente este órgão foi extinto pelo governo de Jair Bolsonaro), apresenta uma breve narrativa sobre o percurso histórico desses indivíduos em alguns dos principais momentos da história da humanidade. Não se tem muitas informações sobre as pessoas com deficiência na era primitiva do ser humano, mas partindo do princípio de que as condições de vida eram precárias e se tinham grandes dificuldades para se manter vivo na época, acredita-se que as pessoas com deficiência eram excluídas dos grupos por acreditarem que elas eram um fardo para a população.

No Egito Antigo, a partir de estudos de indícios arqueológicos e de restos biológicos, estudiosos concluem que esses indivíduos não sofriam o impedimento de ocuparem os cargos que existiam na época e que faziam parte das diferentes classes sociais. Na Grécia essas pessoas foram denominadas de disformes e logo após o nascimento eram destinadas para a eliminação que era feita pela prática do abandono ou atiradas de uma cadeia de montanhas chamada Taygetos.

Em Roma eram permitido aos pais que matassem seus filhos com deficiência física, mas muitos abandonavam em cestos no Rio Tibre ou em outros lugares sagrados. Aqueles que sobreviviam eram explorados no trabalho ou faziam parte de circos para o entretenimento, entretanto com o surgimento do cristianismo no Império Romano foi proibida a prática de matar esses indivíduos e os primeiros hospitais de abrigo surgiram. Enquanto que na Idade Média essas pessoas eram vistas como castigo de Deus, muitos eram separados de suas famílias e quase sempre sofriam perseguições por grande parte da população.

Quando nos referimos a alguém ou sobre alguém através da fala, de maneira voluntária ou involuntariamente, podemos repassar algum pensamento que pode discriminar um grupo. Com isso, é importante ressaltar a nomenclatura atual que mais se adequa ao grupo de pessoas com deficiência, pois o termo que se refere a esses sujeitos já passou por algumas modificações.

¹Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência que é um órgão superior de deliberação colegiada, para avaliar o desenvolvimento de uma política nacional de Inclusão.

Antigamente, a nomenclatura tinha como base a palavra portador. Partindo disso, haviam variações como portador de deficiência, portador de necessidades especiais, entre outros. Vale ressaltar que durante essa escrita aparecerão algumas citações de textos antigos que contém algumas dessas expressões que são consideradas inadequadas.

Em determinado momento foram levantadas discussões propostas pelo movimento das pessoas com deficiência sobre se ainda era correto o uso dessa nomenclatura. Analisando o sentido literal da palavra portador se trata de ser o que ou quem carrega algo, exemplo disso onde pode-se utilizar essa palavra quando faz relação a algum mosquito que carrega em si alguma doença que é transmitida ao ferrar alguém, ou seja, esse mosquito é portador de uma doença contagiosa. Fazendo essa relação com o grupo em questão torna-se inviável o uso da palavra portador, uma vez que esses sujeitos não são doentes e muito menos carregam em si uma doença que é contagiosa, esse termo faz uma relação negativa, onde quer dizer que essa pessoa seria incompleta/imperfeita para conviver em sociedade.

A partir disso novos conceitos surgiram como pessoa deficiente e novos debates sobre o termo foram levantados sempre levando em consideração os desejos desses sujeitos de forma justa. Atualmente, os termos que mais se adequam e agradam esses sujeitos são pessoa com deficiência e necessidades educacionais especiais. “Use o próprio nome da pessoa ou, ao mencionar sua condição de deficiência, diga, por exemplo: “Lucas tem uma deficiência” ou “Lucas, meu aluno com deficiência auditiva” (SANTOS, p. 28, 2014). Assim, diz que essa pessoa tem “implicações que, associadas às barreiras impostas socialmente e às barreiras atitudinais” (SANTOS, p. 27, 2014) que podem dificultar o seu desenvolvimento tanto na escola como em outros campos sociais.

E o termo Necessidades Educativas Especiais (NEE) condiz que a escola deve se atentar para a diferença e o ritmo de aprendizagem que esse educando apresenta e assim atender essas divergências de ensino. Existe uma variedade de especificidades de sujeitos que estão dentro do grupo de educação especial², se dividindo em quatro grupos: alunos com deficiência, alunos com transtornos globais

²É a área da Educação responsável pelo atendimento e educação de pessoas com deficiências em escolas regulares.

do desenvolvimento, alunos com transtornos funcionais específicos e alunos com altas habilidades.

Sobre os alunos com deficiência entende-se que faz parte desse grupo o sujeito que apresenta insuficiência ou ausência de funcionamento de um órgão, acarretando em dificuldades no seu processo de desenvolvimento pessoal e interpessoal em igualdade de condições com as demais pessoas. Santos (2014) explica que:

São aqueles que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que, em interação com diversas barreiras, podem ser restringidas sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade (p. 28).

Um caso desse grupo seria uma pessoa com deficiência visual³ ou com baixa visão⁴ que em comparativo com uma pessoa que enxerga apresenta dificuldades no seu processo de vida, pois muitas vezes necessita de ajuda para executar determinadas tarefas no cotidiano.

Em relação aos alunos com transtornos globais de desenvolvimento é a pessoa que apresenta de forma simultânea atraso no seu processo de desenvolvimento de funções básicas, contendo laudo médico no início da vida de em média até os cinco anos. Se caracterizando, em muitos casos, pela maneira repetitiva de comunicação e uma dificuldade de envolvimento em atividades. Contudo, são “aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo” (SANTOS, p. 28, 2014).

Como um exemplo desse grupo seria uma pessoa com autismo⁵, que geralmente é um sujeito que apresenta um comportamento repetitivo e interesses focalizados muito específicos, além de apresentar alteração sensorial (grande sensibilidade a cheiros, sons, luzes, texturas e sabores), obviamente que varia muito de um caso para outro.

A respeito dos alunos com transtornos funcionais específicos: faz parte desse grupo os sujeitos que apresentam sintomas que provocam uma série de perturbações

³Ausência total de resposta visual.

⁴Comprometimento do funcionamento visual em ambos os olhos.

⁵A lei n. 12.764/2012 insere as pessoas com autismo na classificação de pessoas com deficiência.

que resultam em uma dificuldade no seu processo de aprendizagem escolar. Assim como afirma Santos (p. 29, 2014), que seriam “aqueles que apresentam dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia, dislalia, transtorno de atenção e hiperatividade”. Como um dos casos desse grupo, pode-se citar a dislexia, que de forma resumida, são dificuldades com a linguagem e escrita, dificuldades em escrever e com a ortografia e lentidão na aprendizagem da leitura.

E sobre os alunos com altas habilidades/superdotação: faz parte desse grupo o sujeito que apresenta a facilidade de aprendizagem em uma área específica, pois domina de maneira rápida os conceitos, os procedimentos e as atitudes, de forma superior a outros indivíduos. Como explica Santos (2014):

Aqueles que demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (p. 30).

Exemplo disso seria um caso de uma pessoa que entende tudo de alguma matéria de forma impressionante, sem apresentar dificuldades e que todo esse conhecimento está para além daquilo que é previsto com a sua idade e série de acordo com o ensino, mas que não apresenta esses fatores em relação a alguma outra matéria.

Vale ressaltar que os últimos dois grupos, respectivamente, não se classificam como pessoas com deficiência, uma vez que os sujeitos desses grupos não apresentam incapacidade para o desempenho de algumas atividades, dentro do padrão considerado normal para o ser humano, mas podem apresentar dificuldade em realiza-las. Um exemplo simples disso seria o ato de subir uma escada na qual uma pessoa com deficiência física que utiliza cadeira de rodas não conseguiria, entretanto uma com transtorno de atenção e hiperatividade conseguiria, mesmo apresentando dificuldades.

Um espaço escolar inclusivo seria um ambiente que atendesse a todos os alunos sem segregação, seja por religião, gênero, cor, condições físicas e mentais, entre outros. Todavia, focarei no ramo das pessoas com deficiência. Quando falamos de inclusão de pessoas com deficiência, estamos falando de uma educação que atenda esses sujeitos de acordo com a Legislação, não adianta ter esses alunos

dentro das escolas de maneira com que apenas estejam lá. Muitas vezes, acredita-se na ideia de que para incluir precisamos excluir os demais alunos que não apresentam algum tipo de deficiência, isso seria muito contraditório pois não pode existir uma inclusão que exclui. Seja qual for o grupo de alunos, a Inclusão tem que ser feita para todos a partir da existência de uma Escola que atenda toda uma população.

E para incluir sem excluir é necessário encontrar um meio que responda a necessidade de todos os educandos. Grande parte das Escolas foram construídas tendo como base somente alunos que estão dentro do que se considera normalidade e o sistema de ensino foi constituído também tendo essa base de pensamento de normalidade. Logo, é necessário fazer todo um sistema de Educação que atenda também os alunos com deficiência, o que varia desde o ambiente escolar ao plano político pedagógico.

Esse processo de mudança pode começar pelo caminho da sociedade entender e reconhecer que existe esse grupo de pessoas. Muitos não têm esse conhecimento, seja por falta de acesso à informação ou por desinteresse próprio. Talvez, uma possibilidade seria levar palestras educativas sobre a temática para dentro do ambiente escolar e também para a comunidade, assim como Ramos (2005) diz:

Conscientizar a comunidade – alunos e pais, sobretudo – sobre o fato de que o deficiente não vai atrapalhar a aprendizagem dos outros alunos, e sim ajudá-los a vivenciar uma nova experiência como ser humano solidário e respeitador das diferenças (p. 13).

Inclusive palestras para a comunidade escolar podem ajudar alguns pais a entenderem melhor as suas crianças pois muitos podem nem ter um laudo médico da deficiência dos seus filhos. E seria tão significativo que nessas palestras houvessem pessoas com deficiência para relatarem como é seguir uma vida em uma sociedade excludente a partir da sua experiência de vida. É necessário também dar espaço de fala para esses sujeitos que precisam serem ouvidos. É importante também que haja formação dos professores sobre a questão da inclusão pelas Secretarias de Educação e que a temática seja discutida nos cursos de formação de professores.

Dentre tantas possibilidades, pequenas mudanças e atitudes podem fazer uma grande diferença. A maneira na qual essas pessoas são tratadas pelos outros, em

muitas vezes, é com um sentimento de pena misturado com desprezo e superioridade. Esses sujeitos assim como todos são capazes de realizar determinada tarefa, a diferença são as dificuldades que eles enfrentam em suas realidades. Deve-se referir a esses alunos pelos seus nomes, pois é isso que define a sua identidade e não o nome da sua deficiência. As instruções a seguir foram pensadas a partir das experiências tidas nos estágios juntamente com o referencial de Garcia Santos em seu livro “Educação Inclusiva: práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões”.

O professor possui alguns métodos de como incluir esse aluno com deficiência seja se atentando e se adequando em fatos como por exemplo: tomar conhecimento sobre o laudo médico desse aluno e a partir disso ter certas precauções na prática docente; fazer o planejamento de aulas levando em consideração as especificidades que esse aluno apresenta; buscar por novos materiais didáticos que podem ser utilizados não somente por esse aluno mas por todos e assim criar um novo vínculo de aprendizagem em toda a turma; quando forem feitas visitas fora da escola, verificar com antecedência se esse espaço atende as demandas que esse aluno necessita; proporcionar rodas de conversa para que os alunos possam conhecer melhor as realidades que rondam a turma e também propor, se for o caso, um rodízio de ajudante do dia para esse aluno, se o mesmo necessitar de um auxílio para executar algumas tarefas do âmbito escolar pois com essa troca, esse ajudante terá a oportunidade de conhecer de maneira mais próxima esse aluno.

Em relação ao ambiente escolar, a estrutura da Escola deve-se atentar a fatos como por exemplo: rampas de passarela de acesso para alunos com deficiência física, principalmente nas entradas de salas; a substituição de campainhas por relógios dentro de sala de aula para que os professores e alunos possam se atentar aos horários e assim, diminuir o excesso de barulho para alunos autistas que têm grande sensibilidade à sons; assegurar uma base de chão feita toda com piso tátil para que alunos com deficiência visual possam circular pela escola com menos dificuldade; proporcionar a representatividade nos cartazes e murais da escola para que esses educandos possam se reconhecer enquanto alunos pertencentes da instituição, entre outros.

Sabemos que a realidade ainda não condiz em grande parte das Escolas, com o que foi dito nesses dois últimos parágrafos, o que gera defasagem na aprendizagem dessas pessoas nas instituições e dificulta o ensino dos poucos que ainda estão no

Ensino. É necessário criar um espaço escolar que promova a diversidade e o respeito entre os alunos, uma vez que todos têm por direito ter acesso à Educação e esse acesso à Escola não só promove o desenvolvimento pessoal, mas também é uma ferramenta social importante para os relacionamentos interpessoais. Seja qual for a possibilidade, o que não podemos é fechar os olhos e ignorar a realidade da problemática em questão que precisa ser resolvida pois “ao tentarmos atenuar ou negar as deficiências, é como se disséssemos: aceitamos você sem olhar para sua deficiência” (SANTOS, p. 30, 2014).

1.3 O Teatro e a Inclusão

Conceitualmente, o Teatro é um campo muito amplo, onde dentro desse meio o ser humano busca expressar suas emoções e pensamentos, podendo ser uma narrativa de uma história de vida e/ou da história da humanidade. Se tratando de uma ideia de que cada pessoa é e tem em si própria um arquivo, uma reserva de experiências, saberes, textos e principalmente imagens utilizando como principal “material de trabalho o próprio corpo, cujo, que reage, que se abre, que tem memórias, que diz, que é potente e capaz de uma construção de relações” (MOZON, p. 33, 2015). O Teatro é inacabado no sentido que ele sempre irá se transformar, se afetar e ressurgir de acordo com a constante mudança da vida.

Com o Teatro se tem como possibilidade de trabalhar com diversas metodologias e temas. Partindo desse princípio, as pessoas com deficiência devem ser incluídas nesse meio, por se tratar de um direito das mesmas e pelo fato de o Teatro ter a capacidade de atender a todos.

Partindo para o ambiente escolar, temos como exemplo o estudo de caso de Ana Ribeiro, regente de classe de Escola básica, que em seu artigo “O jogo teatral e a inclusão dos portadores de deficiências” traz uma narrativa de vivência baseada no trabalho com alunos do ensino fundamental I, formada por alunos com e sem deficiência em que a equipe também contava com um professor de Teatro que utilizou os jogos teatrais como metodologia no momento do processo de aprendizagem dos educandos. Não é especificado o tempo, se foi apenas uma aula ou várias. Ribeiro (2012) diz que:

Com o desenrolar da proposta, percebemos que os alunos que possuíam deficiência, a partir dos jogos teatrais, encontravam nos colegas modelos positivos e começavam a contar com uma assistência mais efetiva de todos os envolvidos. Por outro lado, os alunos que não apresentavam deficiências, desenvolviam uma compreensão e aceitação em relação aos colegas portadores de necessidades especiais. Pelo exposto, validamos a prática teatral como ferramenta de sala de aula e como prática de inclusão no espaço escolar e na vida dos nossos alunos (p. 8).

Essa experiência demonstra que é possível trabalhar o Teatro com pessoas com deficiência. Que a especificidade do indivíduo não o exclui de alguma atividade e nem pode ser utilizada como motivo para alguém o excluir. Uma aula de Teatro pode atender os alunos com e sem deficiência criando assim um espaço em que ambos possam aprender a compartilhar suas experiências para gerar um processo de aprendizagem sem discriminação e fazendo com que tenham a capacidade de entender e reconhecer o outro, de ter o prazer de conviver e compartilhar vivências diferentes. Vale ressaltar que o artigo que foi escrito em 2012 traz termos antigos que já não são mais considerados corretos, como por exemplo “portadores de necessidades especiais”.

É necessário também pensar não somente em um Teatro com pessoas com deficiência, mas também em um Teatro para pessoas com deficiência. O musical rock infanto-juvenil “Um amigo diferente?”⁶, com direção de Marcos Nauer, detém o título de ser o primeiro espetáculo brasileiro voltado para a infância e a juventude com todos os recursos de acessibilidade. A primeira montagem foi apresentada em 2011, em parceria com a ONG “Escola de Gente” de Claudia Werneck. A iniciativa foi de sua filha, a atriz Tatá Werneck.

Cláudia Werneck é jornalista formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1980), tem especialização em Comunicação e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (1998). Ativista política, articulista, empreendedora social é também palestrante internacional, pesquisadora e consultora especializada em inclusão, direitos humanos, discriminação e diversidade. Em 2002, idealizou e fundou a ONG “Escola de Gente – Comunicação em Inclusão”, que forma jovens para uma sociedade

⁶A obra narra a história de um menino considerado esquisito pelos vizinhos e colegas de classe, em uma jornada de busca pela verdadeira amizade.

inclusiva. Autora de 14 publicações sobre direitos humanos, diversidade e inclusão, no qual uma de suas obras foi utilizada como base para o espetáculo.

O trabalho contém intérprete de libras para surdos, legenda eletrônica para surdos que não conhecem a linguagem de libras, audiodescrição para cegos, visita guiada ao cenário para cegos (30 minutos antes da apresentação), reserva de assentos para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, atendimento prioritário a pessoas com deficiência e folder em braile, em letra ampliada e em meio digital. Além de passar uma mensagem de diversidade por meio da peça, o projeto vai além e prova que é possível a inclusão de pessoas com deficiência no Teatro, garantindo a acessibilidade e o respeito para com todos.

Se faz necessário refletir se atualmente se a prática pedagógica em Teatro ofertada nas Escolas é inclusiva e pensar em quais metodologias e práticas docentes podem facilitar o acesso das pessoas com deficiência ao fazer teatral. Seria necessário fazer um levantamento de pesquisa de todas as Escolas que têm aulas de Teatro e alunos com deficiência para então chegar em uma conclusão se a atual prática teatral oferecida em ambientes escolares é inclusiva. Todavia, partindo do exemplo citado anteriormente de Ana Ribeiro que em seu artigo “O jogo teatral e a inclusão dos portadores de deficiências” narra uma vivência com alunos com deficiência, vemos que é possível fazer um Teatro Inclusivo. Outro exemplo disso seria o Centro Educacional Raimundo Nonato, localizado na cidade de Macapá-AP, o qual atende somente pessoas com deficiência e uma das aulas ofertadas é de Teatro. O contato com esse Centro foi realizado em um estágio supervisionado e o mesmo será melhor abordado no próximo capítulo juntamente com uma vivência de outro estágio.

Há iniciativas de Teatro com pessoas com deficiência, mas fora do ambiente escolar que hoje tem sido melhor veiculada através de publicações como livros e sites. Entretanto, carece ainda de publicações que demonstram a prática pedagógica do Teatro com pessoas com deficiência no ambiente escolar.

2 OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS II E III

2.1 O estágio supervisionado II

A escola na qual foi realizado o segundo estágio supervisionado que obrigatoriamente tem que ser realizado no ensino fundamental I, se trata de uma instituição de ensino privado. O Colégio Intergenius fica localizado na Av Ernestino Borges, número 997, no bairro do Lagunho, no município de Macapá - AP. As principais ruas de acesso são asfaltadas onde uma delas contem parada de ônibus que atende diversas linhas de transporte público. Essa parada é utilizada por muitos alunos enquanto que outros tem acesso a um transporte particular. Durante o estágio a professora Fabiane foi quem ficou como supervisora e que apesar de ser formada em Artes Visuais tem de ministrar aulas da sua respectiva área além de também ministrar aulas de outras linguagens das artes como Teatro, Música e Dança, seguindo o livro didático que é vendido aos educandos. O estágio foi realizado em duas turmas, uma de quarto ano e outra de quinto ano, com dois horários em cada.

A turma de quarto ano era composta por 26 alunos ao todo, com idade média de 9 anos e a professora informou que na sala havia um aluno autista não-alfabetizado. Fazendo-se a reflexão sobre algumas demandas da temática inclusão percebi que novamente esse tema estava nesse percurso da minha formação de professor, fato que não foi ignorado e novamente foi investigado. Tendo em vista que será discutido sobre alunos autistas, é necessário entender melhor esses indivíduos. Segundo Andrade (2017):

Os Transtornos do Espectro Autista (TEA) decorrem de Perturbações do desenvolvimento neurológico, manifestadas geralmente a partir dos 3 anos de idade, período em que os neurônios responsáveis pela comunicação e pelas relações sociais não estabelecem as conexões tipicamente estabelecidas (p. 3).

Sistema neurológico é todo o sistema nervoso do corpo humano, sendo capaz de captar informações e também de respondê-los, além de ser responsável por comandar a execução de todos os movimentos do corpo, voluntários ou involuntários. Andrade (2017) ainda afirma que:

De modo geral, os Transtornos do Espectro Autista se caracterizam, principalmente, por provocar dificuldades na interação social e na comunicação, comportamentos repetitivos e interesses focalizados muito específicos, podendo haver também alteração sensorial (grande sensibilidade a cheiros, sons, luzes, texturas e sabores). É importante ressaltar que ter TEA não significa que a pessoa apresentará todos esses aspectos juntos, nem com a mesma intensidade (p. 4).

Uma pessoa autista tem distúrbios estruturais do sistema nervoso que altera sua forma de viver e de se comunicar, o que varia de indivíduo para indivíduo. Em alguns indivíduos, as características citadas são mais predominantes e presentes, o que difere de um para outro. A lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012 institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. O primeiro parágrafo traz uma definição que seria aquele indivíduo que apresenta dificuldades na comunicação e na interação social e tem o seu desenvolvimento de relação pessoal e interpessoal prejudicados. Por conta disso, tem comportamentos repetitivos de interesses e atividades, podendo conter também conduta sensorial incomum. O segundo parágrafo assegura que a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

O fato de o aluno ser não alfabetizado me fez refletir sobre como foi o seu processo de ensino até então, visto que estava no quarto ano e todos os demais educandos eram alfabetizados. Entretanto, as formas de avaliação para pessoas com deficiência são diferentes, é de acordo com seus avanços individuais e não na sistemática geral. É necessário que as escolas desenvolvam um trabalho pedagógico e de avaliação que seja apropriado a esse aluno respeitando suas particularidades e habilidades. Um dos pontos para se fazer um ensino inclusivo de um aluno autista seria ter no espaço escolar um corpo técnico mais específico e qualificado para lidar com esse sujeito como ressalta Andrade (2017):

(...) englobar profissionais de Psicologia, Psiquiatria, Pediatria, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, além de poder contar com a contribuição dos campos da Neurologia, Fisioterapia e até da Genética. Todo esse aparato é importante para que a pessoa diagnosticada com TEA seja compreendida em sua integridade, e não seja reduzida ao seu transtorno (p. 8).

Apesar de se tratar de uma escola particular, não constam todos esses profissionais citados, segundo informações repassadas por parte da Escola. Na turma do quinto ano eram ao todo 27 alunos com idade média de 10 anos e uma aluna era autista, que ao contrário do caso anterior, essa aluna era alfabetizada e participava assiduamente das atividades. Segundo Ramos (2005), é importante:

Ter uma equipe de professores e funcionários preparada para lidar com situações inusitadas. Por exemplo, um aluno que necessita de ajuda para usar o banheiro ou outro que prefira estar a maior parte do tempo fora da sala de aula (p. 13).

Foram passadas informações que a Escola oferece acompanhamento psicológico para estudantes que apresentam laudo médico e os dois alunos usufruíam desse recurso no contra turno. Tendo em vista que se tratava de uma escola particular, provavelmente não era um serviço prestado pelo Poder Público diretamente, problemática que grande parte das escolas públicas enfrentam. O trabalho do Estado não condiz com a legislação e assim sente-se a falta de profissionais que possam contribuir, como citado anteriormente, para um melhor desenvolvimento de um indivíduo autista. É necessário um corpo docente capacitado e específico para lidar com seu aprendizado. A professora Fabiane é especializada em inclusão escolar, o que de acordo com Cassiano (2015), temos que analisar que:

Um fator que dificulta a inclusão e o ensino-aprendizagem é a grande quantidade de alunos em uma sala de aula, assim como também o despreparo de alguns professores para atuação na área. A presença da família também constitui outro elemento fundamental no processo, sem a qual pode-se comprometer o alcance de um pleno desenvolvimento por parte dos alunos com necessidades educacionais especiais. Qualquer tentativa de inclusão, enfim, deve ser analisada e avaliada em seus mais diversos aspectos, a fim de se ter a garantia de que esta será a melhor opção para o indivíduo que apresenta necessidades educacionais especiais (p. 14).

Com um acompanhamento psicológico ofertado pela escola e uma professora especializada poderia ser o suficiente para incluir aqueles alunos no ensino. Mas como citado acima muitos fatores contribuem para a dificuldade do desenvolvimento do indivíduo. Ainda sobre direitos assegurados para com esses indivíduos, de acordo com a Defensora Pública do Estado de São Paulo, Flores (2015) enfatizando a Lei Berenice que nos diz:

Muitas pessoas me perguntam se as escolas regulares, públicas e privadas, são obrigadas a fornecer acompanhante especializado para pessoas com transtorno do espectro do autismo (TEA). E se as escolas, especialmente privadas, podem cobrar mais por este acompanhante especializado. Pelo parágrafo único do art. 3.º da Lei 12.764/12 (Lei Berenice Piana) “em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2o, terá direito a acompanhante especializado” (p. 11).

Esse acompanhante especializado seria de fundamental importância para auxiliar no processo de ensino desses educandos e no desenvolvimento do trabalho pedagógico da instituição. Flores (2015), para esclarecer quem seria esse acompanhante, ainda nos explica que:

No final do ano passado foi publicado o Decreto 8.368/14 que veio regulamentar a Lei 12.764/12. Neste Decreto, que tenho sérias dúvidas se não extrapolou em diversos pontos o poder regulamentar, o parágrafo 2º do art. 3.º dispõe que “caso seja comprovada a necessidade de apoio às atividades de comunicação, interação social, locomoção, alimentação e cuidados pessoais, a instituição de ensino em que a pessoa com transtorno do espectro autista ou com outra deficiência estiver matriculada disponibilizará acompanhante especializado no contexto escolar, nos termos do parágrafo único do art. 3.º da Lei 12.764/12”. Assim, pelo Decreto o acompanhante especializado é aquele que realiza, em caso de comprovada necessidade, “apoio às atividades de comunicação, interação social, locomoção, alimentação e cuidados pessoais” das pessoa com TEA, ou seja, seria um profissional que exerceria a atividade de cuidador (apoio a locomoção, alimentação e cuidados pessoais) e também de mediador (apoio às atividades de comunicação e interação social) (p. 11).

Um primeiro passo para reivindicar o direito de ter esse acompanhante seria ter o conhecimento sobre essa lei, mas se trata de uma legislação pouco divulgada. Apesar de ter um psicólogo e uma professora especializada, não tinham esses profissionais de apoio acompanhante para os alunos. De acordo com o artigo 28 do parágrafo 1 da Lei Brasileira de Inclusão, a escola particular tem obrigação de garantir os apoios necessários para seus alunos e que ela não pode cobrar uma taxa extra para garantir isso ao aluno pois isso estaria dificultando o processo de inclusão. O que pode ser feito é que essa taxa seja distribuída igualmente para todos os estudantes na mensalidade escolar.

A educação de um sujeito depende de diversos fatores. A família e a Escola juntas formam uma base de Educação. Muitas vezes se falta apoio e participação da família no processo de aprendizagem do educando. É importante ressaltar que ter um acompanhamento dos pais no desenvolvimento da aprendizagem do aluno, dentro e fora do ambiente escolar, contribui na educação do mesmo. Segundo as informações passadas, os pais de ambos os alunos eram preocupados com a Educação dos seus filhos e sempre que podiam participavam junto das atividades propostas pela a Escola.

Partindo para o momento da regência, encontrei muitas dificuldades para ministrar minhas aulas, principalmente na turma de quarto ano. Os alunos conversavam e bagunçavam demais, enquanto que o aluno autista ficava apenas rolando pelo chão e/ou afastado brincando sozinho. Enquanto que na turma de quinto ano a aula ainda conseguia manter um determinado desenvolvimento, apesar das conversas, mas a aluna autista mantinha comportamentos parecidos com o do caso anterior. Ela não participava dos exercícios e ficava rolando pelo chão da sala. Esses dois alunos dificilmente iam para escola quando a regência era desenvolvida, com isso, sente-se a falta de relatos que possam contribuir para uma reflexão mais ampliada sobre a questão e não se tem a informação da causa da ausência desses alunos nas aulas de Arte.

Em cada turma haviam 25 alunos em média, que ainda se trata de um número grande para apenas um único profissional, principalmente quando um desses alunos é autista. Por muitas vezes se perdia de vista os alunos autistas por conta da grande demanda apesar do meu projeto de estágio ter sido desenvolvido e estudado com um objeto de investigar uma Educação inclusiva através do Teatro. Não poderia fazer uma aula exclusivamente para este público, caso contrário, os outros alunos estariam sendo excluídos. Segundo Carvalho (2010):

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresentem dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento (p. 4).

Não pode fazer exclusão para fazer um processo de inclusão, não se pode esquecer dos demais alunos. Inclusão é um trabalho que exige dedicação e tempo.

Estamos falando de um processo de encontrar um meio que atenda as especificidades e reconheça as qualidades de ambos os educandos. O docente é um profissional muito cobrado por todos, pais, alunos, sociedade em geral, mas pouco material de trabalho e auxílio é oferecido para um bom desenvolvimento do trabalho docente principalmente quando o assunto é inclusão.

A demanda dos alunos era muito grande para lidar apenas com um aluno autista pois eram muitas informações ao mesmo tempo. Porém mesmo diante disso os alunos autistas eram sempre auxiliados para participarem das atividades, mas de maneira rápida eles se dispersavam. Isso era algo que faz qualquer professor em formação se questionar sobre a sua metodologia de ensino, se está correta e em que parte está errando. Não é priorizar o aluno autista, mas também não ignorar a existência do mesmo. É perceber a inclusão como foco das aulas.

2.2 O estágio supervisionado III

As informações a seguir foram retiradas do Plano Político Pedagógico cujo acesso foi autorizado pela instituição. O Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues (CERNDR), tem como mantenedora a Secretaria Estadual de Educação, está cadastrado com CNPJ sob nº 018998240001/08, localizado na Zona Urbana, na Avenida Barão de Mauá, 52, Buritizal em Macapá, Estado do Amapá, com atendimento no período matutino e vespertino. Foi criado pelo Decreto 4.000 de 08 de julho de 1997. É reconhecida como instituição de Utilidade Pública no Atendimento Educacional Especializado - AEE pela Portaria nº 266/06, tendo o registro do Código do Censo Escolar/INEP, sob o nº 16007476. O Governo do Estado do Amapá é o mantenedor do Centro e vem contribuindo com o pagamento das despesas e pessoal de apoio através do Caixa Escolar. Esta parceria é fundamental pois permite que o Centro continue em funcionamento. Para tanto é necessário buscar mais parcerias objetivando a qualidade nos atendimentos. O Centro tem por missão oferecer atendimento educacional especializado e atendimento clínico, apoio e acompanhamento para alunos com deficiências, transtorno global do desenvolvimento e transtorno do espectro autista, garantindo-lhes a permanência na escola regular, habilitando-os para o exercício da cidadania e inserção na sociedade. O Centro compreende uma área extensa. Dentro da área construída contamos com

16 salas de atendimento educacional especializado, 07 no atendimento clínico educacional, uma quadra poliesportiva e uma piscina sendo utilizadas pelos alunos(as) devidamente matriculados no CERNDR.

O estágio que obrigatoriamente tem que ser realizado no ensino fundamental II foi realizado na aula de Artes Plásticas sob supervisão da professora Jovelina Moreira Souza, graduada em Artes Visuais. O Centro tem uma estrutura semelhante à de uma escola formal, mas ele não é uma escola, mas a realização do estágio nesse espaço foi autorizada pela professora responsável da disciplina de estágio supervisionado III na época devido ao objetivo de trabalhar diretamente com pessoas com deficiência. Outro motivo para ter sido realizado foi por conta do cronograma que já havia para essa pesquisa. Esse estágio já estava definido como parte da pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no qual foi investigado como trabalhar o Teatro com pessoas com deficiência, uma vez que o Centro atende somente indivíduos pertencentes a esse grupo. A matrícula no Centro é realizada como em qualquer outra instituição de ensino, porém há o requisito de apresentar o laudo médico comprovando que aquele indivíduo possui determinada deficiência e para a confirmação do laudo é realizada uma avaliação médica no Centro.

A partir disso, os alunos são divididos em 7 grupos denominados de G1, G2, G3 e assim sucessivamente. É denominado grupo ao invés de turma por causa da quantidade de alunos ser menor em comparação a uma escola que também atende indivíduos que não possuem deficiência. Essa divisão é feita a partir da necessidade educacional de cada aluno, a semelhança entre essas necessidades e dentro disso há uma moderação nos graus. Com isso, a instituição visa dividir de forma com que os grupos fiquem diversificados onde um grupo não fique só com um tipo de deficiência e que haja indivíduos de diferentes graus.

Durante parte do período de estágio estava ocorrendo uma programação no Centro onde todos os grupos estavam juntos formando somente um único grupo. Essa iniciativa pode promover uma socialização entre eles ao ponto de se conhecerem uns aos outros de uma maneira mais didática e lúdica, de saber lidar com as diferenças que existem entre eles. O fato de duas pessoas terem a mesma deficiência não significa que ambas são exatamente iguais, as limitações são diferentes e o processo de desenvolvimento de ensino também. Ramos (2005) ressalta:

É preciso, portanto, em uma perspectiva didática inclusiva, considerar os diferentes modos e tempos de aprendizagem como um processo natural dos indivíduos, sobretudo daqueles com evidentes limitações físicas ou mentais (p. 8).

E essa junção dos grupos colabora na questão de aprenderem a partir do outro, de reconhecer do que o outro é capaz. Era notório que já havia um elo de respeito e união entre todos eles e não somente no grupo que cada um pertence. Uma atividade que era muito praticada pelos educandos era o desenho, em que os alunos tinham total liberdade para desenhar e pintar em uma folha de papel em branco. Mendonça (2014) nos explica que:

Os professores concebem as ações relacionadas com este campo como mais fáceis e menos importantes que outras atividades acadêmicas, menosprezando igualmente a habilidade do aluno com NEE⁷, oferecendo-lhe tarefas repetitivas, que pouco cooperam para o seu desenvolvimento criativo e estético. Ainda segundo Reily (2001), quando há a oportunidade de pintar, geralmente se subestima O Papel das Artes Visuais no Processo de Inclusão de Alunos com NEE 58 a criatividade, e os alunos especiais são convidados a colorir contornos antecipadamente determinados, em trabalhos manuais dirigidos (p. 57).

A professora instigava os educandos para fazer a atividade. Não era uma tarefa que eles tinham de fazer de acordo como determinado comando. Tinham autonomia nesse processo de atividade. Isso pode acarretar grandes valores para se trabalhar o desenvolvimento cognitivo do aluno e não somente isso, mas também para essa atividade servir como o momento em que o aluno aflore seus sentimentos e emoções, uma forma de expressão. Durante essa atividade havia uma música ambiente tocando. É importante sempre tentar estimular esses alunos de alguma forma e as Artes podem contribuir nesse processo. Sobre a música como ferramenta de ensino, Araújo, Diniz e Guimarães (2013) explicam que:

Apesar da música não ilustrar visualmente o conteúdo que pode ser explorado, ela se constitui como um veículo de expressão que é capaz de aproximar mais o aluno do tema a ser estudado. Aproveitando-se da facilidade com que a música é assimilada pelas pessoas, pode-se fazer uso desse recurso, associando-o com o conteúdo disciplinar, de forma prazerosa. As músicas fazem parte do nosso cotidiano, traduzindo sentimentos,

⁷Necessidades Educativas Especiais (NEE).

situações, informações acerca dos seres vivos, dos processos científicos e dos espaços em que vivemos. Pode-se observar que o campo das formas musicais é verdadeiramente fértil e de fácil assimilação, portanto, útil para o trabalho do professor que deseja renovar, dinamizar e buscar maior eficiência de aprendizado em seu modo de explicar a matéria (p.2).

A música estava contribuindo durante a atividade uma vez que eles se encontravam em um estado de concentração e relaxamento. Inclusive, muitos já haviam decorado as letras e até cantavam junto. Um outro saiu da mesa para dançar e dançou de uma forma que pude perceber/sentir a sua felicidade. Estava se expressando, naquele momento era o uso de três linguagens da Arte: Música, Dança e Teatro pois tudo culminou em uma grande expressão corporal, uma performance. Reflete-se o quanto é importante ter Arte no processo de aprendizagem desses alunos. Muitos não conseguem se expressar na fala ou na escrita, mas para pôr para fora tudo aquilo que está guardado, muitas vezes apenas o corpo pode ser utilizado. Se aprende a usar o corpo como forma de expressão através das Artes.

Uma outra atividade desenvolvida pelos alunos foi a aula prática na piscina que o Centro possui. Nela praticavam exercícios como nado adaptado, mergulho, pulo, entre outros. Ribeiro (2009) explica que:

Há que se reconhecer que, quando falamos de alunos com deficiência, eles podem apresentar graus variados de comprometimento, e em alguns casos apenas uma adequação ou adaptação no modo de praticar o esporte convencional é o suficiente (p. 43).

O esporte adaptado, como atividade física, pode ser desenvolvido com fins de reabilitação, lazer, recreação e educação. Era uma natação recreativa, onde cada um fazia aquilo que era do seu alcance. Percebe-se o quanto aquilo proporcionava uma sensação de prazer. Eram corpos que estavam em estado de conhecimento a partir da água.

A regência foi totalmente prática tendo como conteúdo os jogos teatrais. A partir de alguns jogos desenvolvidos percebi que quanto mais informações houver, mais irá ser difícil para entenderem, isso para alguns, pois outros conseguiam assimilar todas as informações. Mas a maioria não conseguia interpretar os comandos. Foi um acontecimento que ocasionou uma inquietação durante a criação dos outros planos

de aulas. Foi algo que instigou a investigar mais sobre a metodologia de como e quais jogos teatrais trabalhar com eles, assim como Ramos (2005) explica que:

Elaborar o plano didático não mais mediante parâmetros reestabelecidos, mas levando em conta a realidade dos alunos da classe. Cabe ao professor a tarefa de adequar-se ao seu “público”, e não esperar que este se ajuste a determinações alheias à sua condição presente (p. 14).

Para se trabalhar com esses alunos é necessário no mínimo conhecer as suas deficiências. Mas foi repassada a informação por parte da coordenação que não havia uma lista que catalogasse as deficiências de cada aluno, informação esta que contradiz com a de que o Centro realiza um diagnóstico prévio que é realizado no momento da inscrição juntamente com o laudo médico que deve ser entregue. Acredita-se que a instituição não quis repassar a informação desejada por motivo de segurança e confiança.

Somente por meio das professoras foi possível analisar algumas das deficiências que existiam entre os alunos que seriam autismo, deficiência auditiva, síndrome de Down, deficiência física e deficiência intelectual. “Não esperar “respostas” imediatas dos alunos com deficiência. Respeitar as diferenças é também respeitar o ritmo de aprendizagem de cada um, o qual, o mais das vezes, não corresponde às nossas expectativas” (RAMOS, p. 14, 2005). Era de fundamental importância buscar trabalhar jogos que atendessem as necessidades de cada um desses corpos.

Nesse processo não seria diferente. O fato desse erro ter acontecido logo no início da regência possibilitou o aprendizado de que os jogos teatrais deveriam ser escolhidos a partir dos corpos dos alunos e não das minhas experiências pessoais. A partir disso, foi buscado uma prática docente que atendesse todos os educandos, se tornando uma investigação enquanto professor. Falando brevemente, houveram jogos teatrais que atenderam as demandas dos indivíduos e outros jogos que não. Esses fatos eram notados e analisados a partir do processo de vivência que eles tinham durante a prática teatral.

3 A EXPERIÊNCIA DO FAZER TEATRAL INCLUSIVO

3.1 A Falta de bibliografia e de uma Formação Profissional Inclusiva

Durante o planejamento das aulas dos estágios, sentiu-se a falta de bibliografia que contenham jogos do campo teatral para pessoas com deficiência. O que faz refletir sobre a falta de suporte que o professor enfrenta atualmente, muito é cobrado, mas se tem poucos auxílios e recursos metodológicos. Segundo Silva (2011):

Não resta dúvida que os recursos didáticos desempenham grande importância na aprendizagem. Para esse processo, o professor deve apostar e acreditar na capacidade do aluno de construir seu próprio conhecimento, incentivando-o e criando situações que o leve a refletir e a estabelecer relação entre diversos contextos do dia a dia, produzindo assim, novos conhecimentos, conscientizando ainda o aluno, de que o conhecimento não é dado como algo terminado e acabado, mas sim que ele está continuamente em construção através das interações dos indivíduos com o meio físico e social (p. 2).

Tradicionalmente somos oriundos de um processo educativo que apresenta inúmeras características de um ensino onde somente o professor tem conhecimento enquanto os saberes dos alunos não são considerados. Assim, com o passar do tempo os alunos podem perder o interesse pelas aulas, pois além de seus conhecimentos não serem valorizados, não são utilizados diferentes recursos e metodologias para a implementação das aulas.

Existem diversas maneiras e recursos que podem tornar a aula mais atrativa e contribuem para que aluno tenha interesse pelo conteúdo trabalhado, construindo conhecimentos. Tais recursos favorecem o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e o processo de inclusão, pois relacionam os alunos ao conteúdo que está sendo discutido, proporcionando uma melhor compreensão e interpretação do que está sendo trabalhado.

Pensar em uma aula para trabalhar com pessoas com deficiência já é complexo pelo fato de ser necessário pensar em cada momento das atividades que serão desenvolvidas e se as mesmas estarão aptas para que o aluno com deficiência possa participar. Quando tem que fazer esse trabalho numa aula de Teatro sem um referencial teórico específico de jogos para pessoas com deficiência, fica mais complexo ainda, além da precariedade da infraestrutura e de condições materiais para

o trabalho artístico-pedagógico junto com pessoas com deficiência. Nascimento (2009) explica que:

É sabido que os fundamentos teórico metodológicos da inclusão escolar centralizam-se numa concepção de educação de qualidade para todos, enfatizando o respeito à diversidade dos educandos. Assim, em face às mudanças propostas, cada vez mais tem sido reiterada a importância da preparação de profissionais e educadores, em especial do professor de classe comum, para o atendimento das necessidades educacionais de todas as crianças, com ou sem deficiência (p. 2).

É necessário que se comece a pensar e refletir sobre essa questão para que isso possa ser mudado. Talvez uma solução para essa problemática fosse debater mais sobre uma aula inclusiva para pessoas com deficiência dentro dos cursos de licenciatura.

No curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) sente-se essa falta de mais disciplinas que abordem sobre Inclusão. Há iniciativas acerca do tema como na disciplina Prática Pedagógica III onde é discutido sobre acessibilidade cultural e a existência de um projeto de extensão de Teatro e Inclusão⁸. Vale ressaltar o estágio supervisionado V do curso onde pode ser realizado em um espaço que não seja uma escola regular de ensino, assim o acadêmico pode aproveitar esse momento para buscar lugares que trabalham com pessoas com deficiência. São iniciativas muito válidas, mas devido a grandeza do tema e a urgência de se falar sobre esta temática são poucas fontes de informações, sendo ainda necessário ampliar mais essas discussões uma vez que as iniciativas aqui citadas discutem a acessibilidade cultural carecendo de pensar a acessibilidade cultural na Escola.

O público de alunos é muito amplo e diversificado e é necessário que o sistema do curso pense em uma grade curricular que entenda e atenda essa diversidade de alunos, principalmente os alunos com deficiência. Um exemplo é na educação básica, caso esse que reflete muito no ensino superior, como Glat (2000) explica que:

A escola pública, criada a partir dos ideais da Revolução Francesa como veículo de inclusão e ascensão social, vem sendo em nosso país

⁸Projeto/pesquisa pretende analisar de forma teórica e prática a Arte/Educação como linguagem capaz de contribuir para a Acessibilidade Cultural em espaços culturais para pessoas com deficiência intitulado Teatro e Inclusão: Laboratório de Acessibilidade Cultural em Macapá.

inexoravelmente um espaço de exclusão não só de deficientes, mas de todos aqueles que não se enquadram dentro do padrão imaginário do aluno “normal”. As classes especiais, por sua vez, se tornaram verdadeiros depósitos de todos aqueles que, por uma razão ou outra, não se enquadram no sistema escolar (p. 18).

Todo o sistema escolar é pensado e voltado para aquele aluno que está dentro da “normalidade”, ou seja, que não apresenta nenhum tipo de deficiência. Esse sistema decorre desde a formação de professores ao espaço estrutural da sala de aula. É por meio da prática da profissão que o professor participa das situações inéditas relacionadas ao exercício da profissão como o processo de autorreflexão crítica, onde o professor consegue atribuir sentido ao seu curso da Universidade, consegue relacionar a teoria com prática lidando com a prática docente. A partir dos estudos levantados na graduação muito se aprende sobre a vivência profissional no cotidiano da sala de aula. Nascimento (2009) enfatiza que:

Diante desse quadro, torna-se importante que os professores sejam instrumentalizados a fim de atender às peculiaridades apresentadas pelos alunos. Aqui, tendo-se em vista a capacitação docente, a participação das universidades e dos centros formadores parece ser relevante (p. 5).

Quando não se tem uma base teórica por parte do seu próprio curso de formação, a prática docente fica mais difícil de ser realizada. Torna-se um processo de desenvolvimento profissional no qual aprende-se somente na prática quando está em sala de aula com um aluno com deficiência. Tendo que recorrer praticamente ao seu próprio “achismo” torcendo para que a aula dê certo. Nascimento (2009) reforça que:

No entanto, em que pese o crescente reconhecimento da Educação Inclusiva como forma prioritária de atendimento a alunos com necessidades educativas especiais, na prática este modelo ainda não se configura em nosso país como uma proposta educacional amplamente difundida e compartilhada. Embora nos últimos anos tenham sido desenvolvidas experiências promissoras, a grande maioria das redes de ensino carece das condições institucionais necessárias para sua viabilização (p. 15).

Decisões para as aulas expostas no capítulo 2 foram tomadas a partir dessa falta de bibliografia, de preparo e formação profissional. Buscou-se fundamentações teóricas do campo teatral já existentes que são pensadas a partir de um aluno que

não apresenta deficiência e refletiu-se sobre como adaptar os mesmos de maneira com que os alunos com deficiência pudessem participar. Foi pensado na especificidade daquele aluno e estudado sobre a sua deficiência, as características e as dificuldades em que esse aluno tem em desenvolver determinadas atividades. Houveram dificuldades em implementar as aulas onde esses alunos pudessem participar ativamente. São dificuldades que poderiam ser evitadas se houvesse uma formação de professor que saiba lidar com as particularidades de cada aluno e se houvesse uma bibliografia específica de jogos teatrais para trabalhar com esses alunos.

3.2 A prática de estágio na formação docente

O estágio supervisionado é o momento em que o acadêmico tem como oportunidade de pôr em prática tudo aquilo que foi estudado em seu curso e conhecer as diferentes realidades da área da educação. Momentos estes que são essenciais para motivarem o processo dialético de reflexão do futuro professor proporcionando assim uma vivência que contribui para sua formação de identidade docente e até mesmo enquanto pessoa. Pelozo (2007) afirma que:

A Prática de Ensino e o estágio não garantem uma preparação completa para o magistério, mas possibilita que o futuro educador tenha noções básicas do que é ser professor nos dias atuais, como é a realidade dos alunos que freqüentam a escola, entre outras. Essa oportunidade de observação e reflexão sobre a prática permitirá que o aluno/estagiário reafirme sua escolha pela profissão e resolva assumir-se como profissional politizado desde o início de sua carreira (p. 2).

Entretanto, o estágio não se resume somente como uma parte prática, mas sim como um campo de investigação e estudo onde o estagiário pode se apropriar de fundamentos teóricos e de ferramentas metodológicas para compreender o sistema educacional e fazer uma futura reflexão. Se trata de um curto momento onde busca-se possíveis soluções de determinadas problemáticas das mais variadas que existem atualmente. Os estágios que aqui foram mencionados partiram desses princípios e de estímulos pessoais dialogando com teóricos sem se distanciar da realidade chegando

a um resultado que reflete sobre o que foi investigado. Lima e Pimenta (2006) explicam que:

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer 'algo' ou 'ação'. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons. Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco, observando-nos, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram (p. 7).

Desse modo, não foram estágios realizados somente por cumprimento obrigatório do curso, mas se tornaram momentos de pesquisa e reflexão. Vale ressaltar que as orientações que houveram por parte dos professores de estágios foram de suma importância como forma de incentivo para que esses estágios fossem realizados de tal forma investigativa e reflexiva sobre a temática, influenciando muito no olhar que o acadêmico terá sobre o estágio. Segundo Lima e Pimenta (2006):

A pesquisa no estágio é uma estratégia, um método, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor. Ela pode ser também uma possibilidade de formação e desenvolvimento dos professores da escola na relação com os estagiários (p. 14).

Levando em consideração que a profissão docente é uma área que requer muitas habilidades e que exige muito preparo por parte do profissional, o estágio é muito importante para a formação profissional do acadêmico onde o mesmo irá praticar todo o seu conhecimento teórico adquirido no decorrer do curso nos momentos reais do cotidiano da educação. Lima e Pimenta (2006) afirmam que:

Entendemos que o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa (p. 6).

O estágio é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, além de ser um importante instrumento de integração entre Universidade, Escola e sociedade.

O mesmo deve ser encarado como um elo que relaciona a teoria com a prática construindo assim a formação de um professor que reflete sobre determinadas problemáticas e investiga possíveis soluções, passando a entender a grande importância que tem o professor na formação pessoal e profissional de seus diversos alunos, levando os mesmos para o caminho de crítica reflexiva acerca da sociedade em geral.

3.3 A experiência do Teatro como metodologia de inclusão

Foram pensadas em aulas nas quais pudessem participar tanto os alunos com deficiência como os alunos sem deficiência. Um exemplo de jogo que foi utilizado durante as aulas foi o “Bola com Comandos”. Em círculo, os jogadores devem passar a bola de forma aleatória para qualquer pessoa da roda, mas antes o jogador deve dizer uma letra do alfabeto e assim sucessivamente, não pode usar a mesma letra duas vezes seguidas; o segundo comando é que antes de jogar a bola, o jogador deve dizer uma palavra e quem receber a bola deve dizer quantas sílabas tem a palavra; o terceiro comando se trata de montar uma conta e quem receber a bola deve dizer o resultado.

Foi pensado nesse jogo pelo fato de que quando se executa vários comandos sente-se a dificuldade de ter que raciocinar de maneira rápida fazendo referência ao autismo, onde em muitos casos, o indivíduo tem dificuldade em pensar e corresponder de forma rápida quando recebe muitas informações ao mesmo tempo. Mello (2007) explica que:

Dificuldade de comunicação - caracterizada pela dificuldade em utilizar com sentido todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal. Isto inclui gestos, expressões faciais, linguagem corporal, ritmo e modulação na linguagem verbal (p. 20).

Com isso, buscou-se que os alunos sem deficiência pudessem sentir um pouco sobre como é ser autista para que então pudessem refletir sobre o tema, o que foi explicado para os mesmos. Nesse jogo participou os alunos com e sem deficiência. Os alunos sentiram dificuldades em executar os diversos comandos ao mesmo tempo, segundo eles mesmos.

Em um outro momento, visando a coletividade dos alunos foi passado o jogo “Maestro”. Uma pessoa, que será o Detetive, sai do ambiente onde estão jogando e espera o sinal para que volte ao espaço para adivinhar quem, dos que ficaram, está comandando os demais com movimentos. O Maestro, deve ser escolhido em um consenso de todos, ou seja, o Maestro faz movimentos e todos devem repetir para que o Detetive não descubra quem é o Maestro.

Durante esse jogo os alunos autistas não participaram, acredita-se que foi pelo motivo do barulho feito através dos sons e conversas paralelas por parte dos demais. Em muitos casos, o indivíduo autista tem uma alta sensibilidade ao barulho. Segundo Mello (2007):

Autismo é um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade muito precoce, tipicamente antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação (p. 16).

Foi um erro ocorrido durante as aulas pois não sabia como os alunos se comportariam durante o jogo. Os alunos autistas ficaram apenas rolando pelo chão. Entretanto, foi um equívoco que fez refletir sobre a prática docente. Naquele momento procurou-se não cobrar dos alunos para além daquilo que podiam fazer tendo em vista que era o meu primeiro contato com regência e ao mesmo tempo era também o primeiro contato com alunos com deficiência.

A partir das aulas que foram ministradas buscou-se a reflexão e conscientização sobre o tema autismo. O primeiro passo para isso é conscientizar as pessoas sobre o assunto, que ele existe e deve ser debatido, nem que seja apenas pelos colegas de turma, o que com certeza já acrescentará um grande valor nas vidas dessas crianças com autismo, que as mesmas devem ser incluídas não somente na educação, mas na sociedade como um todo. O público beneficiado não foi somente os alunos das turmas, mas todo mundo para quem eles levaram o conhecimento sobre o assunto. Enquanto proposta de aula esperasse que essa vivência possa tocá-los de alguma forma, que essas crianças possam se conscientizar sobre a inclusão.

Aqui se dá o ato de investigar o conhecimento enquanto experiência. Foi buscada uma vivência com os alunos onde os que não possuem deficiência pudessem entender e compreender um pouco melhor sobre a deficiência em questão a partir do

ato de experimentar. Levando em consideração que nossos aprendizados são constituídos a partir de vivências, aprendemos no decorrer da vida com aquilo que nos acontece. Ramaldes e Camargo (2017) explicam que:

O ser humano se constrói a partir das relações que estabelece com o meio e, dessas relações, experiências são vivenciadas, já que é a partir destas que podemos compreender o meio que nos cerca. Se as experiências não fossem cumulativas, teríamos que reaprender tudo a cada dia, o que causaria uma estagnação do ser humano, não sairíamos da mesma situação nunca. Portanto, é a vivência de experiências e a consciência delas que ocasionam a evolução do ser humano através do aprendizado pela experiência (p. 79).

Foi pensado em um fazer teatral que atendesse os dois tipos de públicos de alunos e que a partir dessa experiência conjunta pudessem juntos aprenderem a conviver e compartilhar seus aprendizados. Para isso sempre se buscou a consciência de ambos durante esse fazer teatral para que estivessem significativamente envolvidos com as atividades e fossem guiados pelas orientações e o porquê que estavam fazendo determinadas atividades. Ramaldes e Camargo (2017) explicam que:

Sendo assim, a consciência e o conhecimento estão intrinsecamente ligados à memória. Só existe conhecimento se temos consciência da situação vivenciada, senão, não passará de uma atividade não consciente, portanto não gera conhecimento (p. 77).

Eram sempre trazidas informações sobre o ato de incluir as pessoas com deficiência em seus convívios sociais. Tudo isso para que se existisse de fato uma reflexão sobre o tema que estava sendo proposto a partir da experiência enquanto vivência de conhecimento tendo em vista que o caminho mais fácil para o aprendizado é o que se constrói a partir da experiência. Ramaldes e Camargo (2017) afirmam que:

A experiência surge dessa relação eu e meio, logo, sem a interação do indivíduo com o meio não pode ocorrer evolução, e se aprendemos a viver no mundo que nos cerca a partir das experiências que estabelecemos com este mundo (p. 81).

Nossas vivências dizem muito a respeito de quem somos. A cada novo ato de experimentar é uma nova maneira de aprender. Cada corpo tem a sua história e conhecimento pessoal que foram adquiridos ao longo da vida. Quando corpos

diferentes entram em contato surge um compartilhamento de identidades, valores e saberes. Uma turma onde tem em média trinta alunos com um total de trinta e um corpos contando com o do professor surge então uma imensidade de possibilidades de experiências entre estes corpos que muito tem para contribuir e aprender um com o outro, gerando assim, o ato de incluir a partir da experiência. Estes corpos estão marcados pelo conhecimento que foi vivenciado, possibilitando se tornarem seres inclusivos.

3.4 A Inclusão como experiência no Fazer Teatral

Para se trabalhar com esses alunos era necessário no mínimo conhecer as suas deficiências. Buscou-se saber a existência de algum tipo de lista com as deficiências de cada um, mas foram passadas informações de que não havia esse tipo de listagem. Entretanto, por meio das professoras foi possível um entendimento melhor dessa diversidade de corpos sendo eles: autismo, surdez, síndrome de Down, deficiência física e deficiência intelectual. O autismo já foi discutido anteriormente se tratando de uma modificação no sistema nervoso. Os sintomas mais comuns incluem dificuldade de comunicação, alta sensibilidade, dificuldade com interações sociais, interesses obsessivos e comportamentos repetitivos. Síndrome de Down é um distúrbio genético causado por material genético extra do cromossomo. Provoca uma aparência facial distinta e atrasos no desenvolvimento. Mata e Pignata (2014) explicam que:

Alterações provocadas pelo excesso de material genético no cromossomo 21 extra determinam as características típicas da síndrome de Down (SD) que são: comprometimento intelectual, aprendizagem lenta, hipotonia (diminuição do tônus muscular, responsável pela língua protusa), dificuldades motoras, atraso na articulação da fala e, em 50% dos casos, cardiopatias, olhos oblíquos, rosto arredondado, mãos menores com dedos mais curtos, prega palmar única e orelhas pequenas (p. 2).

O indivíduo surdo é aquele que apresenta perda parcial ou total da audição podendo ser congênita ou adquirida, fato esse que dificulta a compreensão da fala por meio da audição. Nesse caso em específico se tratava de uma aluna com surdez

severa/profunda, pois não conseguia entender a oralidade. Como explicado por Maia (2016):

Surdez leve/moderada: assim considerada quando a perda auditiva ocorre entre 40 e 70 decibéis em ambos os ouvidos e dificulta, mas não impede, a pessoa de se expressar oralmente, bem como de perceber a voz humana com ou sem a utilização de uma prótese auditiva. Surdez severa/profunda: assim considerada quando a perda auditiva ocorre acima de 70 decibéis, o que vai impedir a pessoa de entender, com ou sem aparelho auditivo, a voz humana, bem como de adquirir naturalmente o código da língua oral (fala) (p. 17).

O caso de deficiência física aqui se trata especificamente de indivíduos que utilizam e necessitam de cadeiras de rodas para se locomover por toda sua vida ou por um período de tempo, seja por motivo de ter nascido assim ou por ter sido adquirido essa necessidade durante a vida. Deficiência intelectual como já explicado tem como principal sintoma a dificuldade de raciocínio e compreensão, as habilidades cotidianas que podem ser afetadas incluem certas habilidades conceituais, sociais e práticas. Os resultados das aulas foram variados, em alguns jogos tiveram efeitos positivos e outros negativos. Aqui nesse trecho trago dois exemplos de jogos, os quais foram utilizados no percurso das aulas, para fazer uma comparação e assim explicar um pouco dessa experiência de como trabalhar com esses indivíduos.

O jogo “Mosquito Africano” foi um dos escolhidos para ser trabalhado durante as aulas. Em roda, os jogadores são introduzidos para imaginarem que existe um mosquito na cabeça de cada um e que devem acertá-lo, para isso, um abaixa e os dois colegas que estão aos seus lados batem palma acima de sua cabeça de forma sincronizada e assim sucessivamente; exemplo: Maria abaixa, João e Pedro batem palma acima da cabeça de Maria, após isso, é João que abaixa e é Maria juntamente com Caio (que está no outro lado de João) que batem acima da cabeça de João.

Ao ser escolhido este jogo foi levado em consideração as experiências pessoais enquanto professor. Não o considero um jogo difícil de aprender e jogar, mas a questão é que eu estou dentro da “normalidade”, não tenho nenhuma deficiência. Foi um erro ter pensado em um jogo a partir de um corpo que não apresenta nenhum tipo de deficiência. E o que aconteceu foi que os educandos não desenvolveram um aprendizado durante o jogo, para eles, foi um jogo muito complexo. Exemplificando melhor, não é um jogo que atende aos autistas por conta do barulho causado pelas

palmas, não atende também os alunos cadeirantes pela questão de ser necessário abaixar até ao chão, pelos comandos conjuntos não atende aos alunos com deficiência intelectual e síndrome de Down, e com tudo isso a aluna surda não conseguiu praticar, uma vez que ela não havia desenvolvido muito a linguagem de libras e sempre fazia as atividades a partir dos colegas, primeiro ela os observava e depois fazia. Contudo, foi um jogo que não atendeu aos alunos por causa das suas especificidades.

O fato desse erro ter acontecido logo no início da regência fez com que aprendesse que os jogos deveriam ser escolhidos a partir dos corpos dos alunos e não de experiências pessoais. A partir disso foi pensado no jogo “Massagem em Roda”, por exemplo. Em roda, cada aluno irá massagear o colega que está à sua frente, todo movimento sempre consciente para não machucar o próximo, massagear da maneira que gostaria de ser massageado, levando em consideração que a ordem será trocada para que assim todos possam se massagear, cuidar do outro.

Por ser um jogo de relaxamento e de cuidado, ele atendeu aos alunos. Para auxiliar durante a atividade foi colocado uma música calma como som ambiente e algumas luzes foram apagadas, fatos esses para auxiliarem no processo de relaxamento e concentração dos alunos. Com isso, foi um jogo que atendeu aos alunos autistas pela questão da tranquilidade e silêncio, atendeu os alunos cadeirantes pelo fato de que puderam sentar no chão para massagear seus colegas, atendeu aos alunos com síndrome de Down e deficiência intelectual pela questão de ser apenas um comando simples e por último, atendeu a aluna surda uma vez que a partir dos seus colegas ela conseguiu compreender o jogo.

O Teatro é uma linguagem da Arte que é ampla e que tem a capacidade de atender a todos os públicos. Neste caso foi investigado a Inclusão enquanto experiência a partir do fazer teatral que foi proposto. Dentre tantos corpos cada um com suas particularidades foi possível um momento de interação e compartilhamento de conhecimento na vivência da experiência. Ramaldes e Camargo (2017) nos explicam que:

Para que uma educação significativa, baseada na experiência real do educando aconteça, faz-se necessário que o professor perceba as experiências que os educandos trazem, reconhecendo nas situações concretas que circunstâncias e ambientes conduzem a experiências que

levam ao crescimento. O professor deve saber como utilizar as condições físicas e sociais do ambiente para delas extrair tudo o que possa contribuir para um corpo de experiências saudáveis e significativas, pois Dewey (1971 [1938], p. 33) afirma que a experiência somente será verdadeiramente experiência, quando as condições objetivas se encontrarem subordinadas ao que ocorre dentro dos indivíduos que passam pela experiência, isto é, quando as questões objetivas estiverem subordinadas às questões subjetivas dos indivíduos (p. 132).

Se trata de uma experiência de Inclusão que atendesse a todos esses educandos. Uma experiência enquanto professor em formação fazendo um elo de aprendizagem entre docente e educando a partir da aprendizagem de vivências. Não se vive sem experimentar, são esses momentos que nos formam enquanto indivíduos, levando isso em consideração que seja necessário então experimentar momentos que acarretam grandes reflexões para que em um futuro se torne um indivíduo capaz de refletir, neste caso, capaz de incluir uma pessoa com deficiência e/ou respeitar e aprender com a mesma. Os jogos teatrais aplicados mesclados com suas diversas possibilidades (jogos corporais, jogos vocais, jogos situacionais), de acordo com Ramaldes e Camargo (2017), fizeram com que a aula fosse:

(...) desenvolvida justamente de maneira a levar o professor/orientador a conduzir as experiências teatrais dos educandos/jogadores de forma contínua, de modo que a experiência adquirida em um jogo ajude no jogo seguinte e assim sucessivamente, levando o educando a uma apropriação orgânica da linguagem teatral (p. 130).

A experiência de jogar com outros corpos com deficiência inicia um processo de aprendizagem que é coletivo, um ato de aprender a incluir a partir do outro. O processo de desenvolvimento pessoal de um indivíduo envolve não apenas a educação, como também as experiências profissionais e sociais.

3.5 As possíveis experiências a partir do fazer teatral

Nota-se que são dois casos distintos, em um se trata de uma aula com alunos com deficiência e no outro se trata de uma aula para pessoas com deficiência. No primeiro caso é necessário pensar em uma metodologia de aula que atenda aos dois públicos de alunos ao mesmo tempo para que assim possam juntos aprender aquilo que está sendo proposto. No segundo caso se tem a necessidade de pensar em um

plano de ensino que atenda a diversidade e particularidade de cada um desses indivíduos com deficiência.

Um corpo não anula o outro, ambos se completam e têm histórias, vivências e conhecimentos para partilharem entre si. Tornar esses alunos seres inclusivos que tenham a capacidade de entender e reconhecer o outro, de ter o prazer de conviver e compartilhar vivências diferentes. A importância de se trabalhar isso é o fato que uma instituição de ensino é o reflexo da vida do lado de fora e muitos alunos descobrem o mundo a partir deste lugar. O grande ganho para todos é viver a experiência da diferença.

Os jogos aqui descritos foram os primeiros a serem aplicados e que levaram a reflexão sobre qual prática pedagógica em Teatro poderia ser estabelecida. Inicialmente foram trabalhadas as potencialidades lúdicas, relacionais e corporais a partir de jogos que estimulam conceitos do fazer teatral para que depois pudessem ser estabelecidos jogos mais elaborados como jogos de improvisação. Neste caminho, metodologias sobre o jogo teatral como propostas por teóricos como Ricardo Japiassu e Viola Spolin foram utilizadas. Entretanto buscou-se aqui registrar não fórmulas prontas e receituários de exercícios mas entender como os jogos teatrais podem ser adaptados a pessoas com deficiência e que o mais significativo é que a inclusão faça parte da prática pedagógica do docente em Teatro uma vez que o fazer teatral é por si só uma experiência única, que é coletivizada e capaz de promover em quem a vivencia a transposição de todo o processo para a vida diária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência é necessária pelo fato de que todo e qualquer professor tem de estar preparado e capacitado para trabalhar com qualquer aluno, sem nenhuma segregação. E através dessa pesquisa buscou-se esse conhecimento que irá servir de experiência própria enquanto artista-pesquisador-docente, mas também é esperado que esse aprendizado aqui refletido possa contribuir para outros profissionais.

Essa pesquisa se torna fundamental pelo fato de ser necessário haver uma inclusão escolar desses sujeitos. Tendo em vista que, inclusão escolar é o ato de incluir qualquer aluno dentro do sistema de ensino, de forma com que esse sujeito aprenda de maneira efetiva, sem segregação seja ela por motivos de raça, gênero, religião, deficiências que é o caso, entre outros. E esses indivíduos estão cada vez mais ocupando esse espaço da rede de ensino seja pública ou privada, é cada vez mais comum encontrá-los em escolas, pois é um direito deles.

Vale ressaltar a dificuldade existente na implementação da inclusão, uma vez que a inclusão de um sujeito com deficiência dentro de um sistema de ensino (que vai desde a estrutura física da escola ao plano pedagógico), foi construído com princípios de uma sociedade que é composta apenas por pessoas estão dentro de uma normalidade.

Através dessa investigação foi buscada uma aprendizagem que agregasse valores positivos na formação enquanto artista-pesquisador-docente para que em um futuro seja possível preparar uma aula de Teatro que seja inclusiva atendendo a todos os alunos. Para isso, torna-se necessário ir a campo e ter contato com esses educandos, e refletir sobre a sua prática enquanto docente para se ter um aperfeiçoamento profissional se tratando de um momento válido para reavaliar e questionar sua atuação, refletindo sobre o conjunto de atuações no processo de ensino e aprendizagem com as suas colaborações para com a sociedade dentro do nosso atual sistema de ensino. Daí a importância do estágio aos cursos de Licenciatura como campo de aprendizado, de formação profissional, mas principalmente de investigação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sidney Vicente. **Cartilha institucional**: conhecendo o transtorno do espectro autista. Universidade Federal da Paraíba, 2017. 26 p.

ARAÚJO, Tânia; DINIZ, Marcelo; GUIMARÃES, Priscila. **A música pode ser uma estratégia para o ensino de ciências naturais analisando concepções de professores da educação básica**. Belo Horizonte: Revista Ensaio, 2013. 14 p.

BRASIL. Planalto. lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência, de 25 de agosto de 2009. **Diário Oficial da União**. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 16 Mar. 2019.

BRASIL. Planalto. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, de 27 de Dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 15 Nov. 2019.

CARVALHO, Berenice Natalia Soares de; MACIEL, D.A (Org.); BARBATO, S (Org.). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010.

CASSIANO, Dilza. **Alunos com deficiência intelectual: aprendizagem e inclusão escolar em uma escola do município de Carinhanha**. Brasília, 2015. 49 p. Monografia (Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) - Universidade de Brasília.

DINIZ, Débora. **Deficiência, saúde pública e justiça social**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

DUARTE, Emanuelle; KOPROSKI, Aline; COSTA, Gisele Maria Tonin da. **Crianças com síndrome de down**: desafios e propostas significativas no processo de alfabetização. 2015. Trabalho de Disciplina - Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai.

FLORES, Renata. **Os Direitos das Pessoas com TEA após a Lei 12.764/12 (Lei Berenice Piana)**: o que mudou? Defensoria Pública do Estado de São Paulo. Avenida Liberdade, 32 – 10.º andar – Centro – São Paulo – SP. 2015.

GLAT, R. **A Integração Social dos Portadores de Deficiência**: uma Reflexão. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 2000.

GUGEL, Maria Aparecida. **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade.** Disponível em: http://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD_Historia.php#autor. Acesso em: 15 Nov. 2019.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, v. 3, n. 3-4, 2005/2006.

MAIA, Shirley Rodrigues. **Deficiência auditiva/surdez.** Disponível em: http://sis.posuscs.com.br/sistema/rota/rotas_84/1314/scorm/ultimo/pdf/pdf_DAS.pdf. Acesso em: 28 Set. 2019.

MATA, Cecília Silva da; PIGNATA, Maria Izabel Barnez. **Síndrome de down: aspectos históricos, biológicos e sociais.** Disponível em: <https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/TCEM2014-Biologia-CeciliaSilvaMAta.pdf>. Acesso em: 16 Set. 2019.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático.** 5. ed. São Paulo: Corde, 2007.

MENDONÇA, Sandra. **O papel das artes visuais no processo de inclusão de alunos com nee.** Lisboa, 2014. 163 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade em Educação Especial: Domínio Cognitivo-Motor) - Escola Superior de Educação João de Deus.

MONZON, Ana Carolina. Dramaturgia em processo. **Revista Aspas**, v. 5, n. 2, p. 29-40, 31 dez 2015.

NASCIMENTO, Rosangela Pereira do. **Preparando professores para promover a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2496-8.pdf>. Acesso em: 28 Mai. 2019.

PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado enquanto mediação entre ensino, pesquisa e extensão. **Revista científica eletrônica de pedagogia**, n. 10, jul 2007.

RAMALDES, Karine; CAMARGO, Robson Corrêa de. **Os Jogos Teatrais de Viola Spolin: Uma Pedagogia da Experiência.** Goiânia: Kelps, 2017.

RAMOS, Rosana. **Passos para inclusão.** São Paulo: Cortez, 2005.

RIBEIRO, Ana. **O jogo teatral e a inclusão dos portadores de deficiências.** Bahia, 2012. 14 p. Trabalho de Disciplina (Escola Básica-SEC-BA) - Escola Básica.

RIBEIRO, Sônia. **O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiências nas aulas de educação física**. Piracicaba, 2009. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba.

SAAD, Flávia. **Musical rock um amigo diferente**: programa bacana para os pequenos. Disponível em: <https://www.juicysantos.com.br/diversao/santos-para-criancas/musical-rock-um-amigo-diferente-programa-bacana-para-os-pequenos/>. Acesso em: 15 Nov. 2019.

SANTOS, Garcia. **Educação inclusiva práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção pedagogia e educação).

SENADO. **Art. 208** - Título VIII da Ordem Social - Capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto - Seção I da Educação. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/art_208_.a sp. Acesso em: 10 Mar. 2019.

SILVA, Simone. **Vantagens e desvantagens do ensino de língua estrangeira na educação infantil**: um estudo de caso. Rio Grande do Sul, 2011. Monografia (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ANEXO A — Projeto de Estágio Supervisionado II: COMO UTILIZAR O TEATRO
COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO?

Sávio Rodrigo Furtado Marques

PROJETO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Macapá
Universidade Federal do Amapá
2018

Sávio Rodrigo Furtado Marques

COMO UTILIZAR O TEATRO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO?

Projeto apresentado à disciplina Estágio Supervisionado II, do Curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, sob supervisão do Prof. Flávio Gonçalves.

Macapá
Universidade Federal do Amapá
2018

• APRESENTAÇÃO

No meu primeiro estágio supervisionado, na turma onde estagiei, havia um menino com síndrome de Down. A partir disso presenciei alguns momentos que envolviam o mesmo, me fazendo refletir sobre inclusão. Foi nesse momento que despertei o meu interesse sobre esse assunto. Atualmente, no meu segundo estágio, em ambas turmas onde estou estagiando, há um aluno autista. Novamente o tema inclusão está me atravessando e eu não poderia ignorar esse fato. O que pretendo desenvolver parte da minha linha de pesquisa que será “como utilizar o teatro como ferramenta de inclusão?”.

Com isso, o resultado esperado é algo positivo, que a partir das aulas experimentais que levarei aos alunos, que eles possam refletir e se conscientizarem sobre o tema, o autismo. Para isso, necessito de ajuda de pessoas capacitadas de alguma forma que possa servir como auxílio para o meu trabalho, cujo, são todos aqueles que estão me dando suporte de forma direta ou indireta, são todos os indivíduos que eu posso contar com a colaboração, o que varia de colegas de turma à teóricos que falem sobre o tema e afins.

O público beneficiado serão não somente os alunos das turmas, mas todo mundo para quem eles levarem o conhecimento sobre o assunto, que espero que eu possa tocá-los de alguma forma, que essas crianças possam se conscientizar sobre o mesmo. E isso ocorrerá na escola de ensino privado Intergenius, em duas turmas, uma do quarto ano e outra de quinto ano, no período dos meses maio e junho, às sextas, na aula de artes.

• JUSTIFICATIVA

Por meio da professora, descobro que na sala do quarto ano há um aluno autista não-alfabetizado e no quinto ano há uma aluna autista. Foi assim, no primeiro estágio, que despertei essa inquietação dentro de mim, sobre inclusão. Neste tópico opto por também explicar alguns termos que irei utilizar durante o estágio. Acho que antes de tudo, é importante saber que inclusão é o ato de incluir e acrescentar, ou seja, adicionar coisas ou pessoas em grupos e núcleos que antes não faziam parte. E inclusão escolar consiste na ideia de que todos os cidadãos devem ter o direito de ter acesso ao sistema de ensino, sem segregação e discriminação, seja por causa do gênero, religião, etnia, classe social, condições físicas e psicológicas, etc.

A sociedade, em sua maioria, acredita que pelo simples fato de um ser humano que tem alguma deficiência física ou psicológica está adentrado em uma escola, devidamente matriculado, significa que ele esteja incluso no ensino. Emanuelle Duarte (2015, 4) explica que:

Embora tendo avançado muito, algumas escolas ainda confundem o termo integração e inclusão, algumas tem uma visão equivocada, pensando que estão fazendo a inclusão, mas na verdade o que fazem é apenas integração. (...) esse modo é necessário que toda a escola esteja disposta a avançar nesse sentido buscando se especializar para que a participação e aprendizagem sejam garantidas para seus estudantes.

Existe a integração e a inclusão, dois conceitos diferentes um do outro. A integração é o simples fato do aluno se adaptar à escola e a inclusão é o fato da escola se adaptar ao aluno. É integração é o que ocorre na maioria dos casos. Emanuelle Duarte (2015, 10) ainda afirma:

(...) que todas as pessoas aprendem independente de ter uma deficiência. O que difere é o ritmo e a forma de aprendizagem, sendo levado em consideração que não se aprende apenas conteúdos e saberes acadêmicos, mas socialização, hábitos e atitudes importantes para um desenvolvimento e uma vida saudável também fazem parte de um importante aprendizado.

Contudo, volto a refletir sobre inclusão, sendo essa minha principal linha de pesquisa nesse estágio: como utilizar o teatro como ferramenta de inclusão?

Tento a base sobre o que é inclusão, é importante saber sobre o que é de fato o autismo. Sidney Andrade (2017, 3), responsável sobre a pesquisa e produção de texto da cartilha institucional do Instituto Federal da Paraíba, informa que:

Os Transtornos do Espectro Autista (TEA) decorrem de Perturbações do desenvolvimento neurológico, manifestadas geralmente a partir dos 3 anos de idade, período em que os neurônios responsáveis pela comunicação e pelas relações sociais não estabelecem as conexões tipicamente estabelecidas.

Sistema neurológico é todo o sistema nervoso do corpo humano. Sendo capaz de captar informações e também de respondê-los, além de ser responsável por comandar a execução de todos os movimentos do corpo, voluntários ou involuntários. Sidney Andrade (2017, 4) ainda afirma que:

De modo geral, os Transtornos do Espectro Autista se caracterizam, principalmente, por provocar dificuldades na interação social e na

comunicação, comportamentos repetitivos e interesses focalizados muito específicos, podendo haver também alteração sensorial (grande sensibilidade a cheiros, sons, luzes, texturas e sabores). É importante ressaltar que ter TEA não significa que a pessoa apresentará todos esses aspectos juntos, nem com a mesma intensidade.

A Presidência do Brasil, com a lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, considera que:

1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II: I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento; II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. 2º A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

Em resumo, uma pessoa autista tem distúrbios estruturais do sistema nervoso que altera sua forma de viver, de se comunicar, o que varia de indivíduo para indivíduo, em uns as características são mais predominantes e presentes, em outros nem tanto.

No momento em que a professora me notifica com a notícia de que na sala há um aluno autista não-alfabetizado, de imediato, penso também, na questão da educação, se o ensino é inclusivo. Em conversa com um professor do curso que faço, tomo conhecimento que pessoas deficientes dificilmente são reprovadas nas escolas, melhor dizendo, caso isso aconteça, a escola deveria explicar o porquê da reprovação especificamente desse aluno, já que o mesmo é deficiente, gerando assim uma série de burocracia que a escola prefere evitar. Então, o ensino escolhe o caminho mais fácil, o da aprovação mesmo se o indivíduo não ter aprendido absolutamente nada.

A partir disso, volto na questão do embate entre os termos inclusão e integração. Para um ensino inclusivo de um aluno autista seria necessário um corpo técnico mais específico e qualificado para lidar com o mesmo. Sidney Andrade (2017, 8) ressalta que:

(...) englobar profissionais de Psicologia, Psiquiatria, Pediatria, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, além de poder contar com a contribuição dos campos da Neurologia, Fisioterapia e até da Genética. Todo esse aparato é importante para que a pessoa diagnosticada com TEA seja compreendida em sua integridade, e não seja reduzida ao seu transtorno.

Hoje, mal temos professores nas escolas. Os mesmos, muitas vezes, não têm condições mínimas para ministrar uma aula. Apesar de, no caso, se tratar de uma escola particular, não consta todos esses profissionais citados por Sidney Andrade.

Contudo, justifico e defendo esse projeto como algo que deve ser feito pelo simples fato de que qualquer ser humano merece respeito e compaixão e o mesmo é digno de uma educação de qualidade. O primeiro passo para isso é conscientizar as pessoas sobre o assunto, que ele existe e deve ser debatido, nem que seja apenas pelos colegas de turma, o que com certeza já acrescentará um grande valor nas vidas dessas crianças com autismo, que as mesmas devem ser incluídas não somente na educação, mas na sociedade como um todo.

• OBJETIVO

Tornar esses alunos seres inclusivos, que tenham a capacidade de entender e reconhecer o outro, de ter o prazer de conviver e compartilhar vivências diferentes. A inclusão acolhe todas as pessoas, sem exceção. A importância de se trabalhar isso é o fato que a escola é o reflexo da vida do lado de fora, muitos alunos descobrem o mundo a partir da escola. O grande ganho, para todos, é viver a experiência da diferença. Se os estudantes não passam por isso na infância, mais tarde terão muita dificuldade de vencer os preconceitos.

A inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor que, por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade. Você não pode ter um lugar no mundo sem considerar o do outro, valorizando o que ele é e o que ele pode ser.

O público beneficiado serão não somente os alunos das turmas, mas todo mundo para quem eles levarem o conhecimento sobre o assunto, que espero que eu possa tocá-los de alguma forma, que essas crianças possam se conscientizar sobre o mesmo. Ocorrerá na escola de ensino privado Intergenius, em duas turmas, uma do quarto ano e outra de quinto ano, no período do mês de maio, às sextas, na aula de artes.

- OBJETIVO ESPECÍFICO

Buscar a conscientização, o debate e respeito através de aulas práticas de teatro e experimentais de vivências visando o autismo. Que construam um elo de afeto e compaixão uns pelos outros, que possam se conhecer melhor para assim o objetivo ser alcançado. Os assuntos que levarei para dentro das aulas serão sobre autismo, bullying, inclusão e respeito. Acredito que são assuntos que estão interligados, que não há maneira de discutir um, sem citar o outro. É uma espécie de pirâmide que deverá ser construída tendo como base esses quatro elementos essenciais para uma boa convivência.

- CONTEÚDOS

Jogos teatrais, dramáticos e aulas experimentais.

- METODOLOGIA

O desenvolvimento do projeto se deu início com a primeira parte do estágio: a observação. A partir dela pude notar as nuances das turmas, com isso, posso desenvolver aulas para ambas. Irei levar como atividades jogos teatrais onde os alunos possam se conhecer, onde tenham a possibilidade de criarem um elo de afeto e respeito através do conhecimento de si mesmo e do próximo. Experiências onde tenham a oportunidade de vivenciar aquilo que uma pessoa com autismo enfrenta no seu dia a dia.

- AVALIAÇÃO

Pretendo avaliar e refletir se o que eu queria como objetivo foi alcança, a partir de relatos dos alunos ao final de cada exercício, mas visando que muitos alunos não se sentem muito bem em falar, irei usar como principal método de avaliação da aula: a escrita. Disponibilizarei para os alunos folhas em branco onde possam escrever e refletir sobre aquilo que se foi trabalhado nas aulas, tudo isso de forma livre, seja através de desenhos, palavras, frases, entre outros. Para isso, irei conduzi-los com apenas duas perguntas: o que é autismo e o que é teatro?

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 22 abr. 2018.

DUARTE, Emanuelle; KOPROSKI, Aline; COSTA, Gisele Maria Tonin da. CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: DESAFIOS E PROPOSTAS SIGNIFICATIVAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO. 2015. 17 p. Artigo - Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai, 2015.

ANDRADE, Sidney Vicente; CARTILHA INSTITUCIONAL: CONHECENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. 2017. 26 p. Artigo – Instituto Federal da Paraíba, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES, JORNALISMO, TEATRO E LIBRAS COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO	
PLANO DE AULA	
PROFESSOR: Sávio Rodrigo Furtado Marques	
DISCIPLINA: Estágio Supervisionado II	DATA: 18/05 e 01/06 de 2018
PÚBLICO-ALVO: alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental I	CARGA HORÁRIA: 2 horas com total de 4 horas em um dia
TEMA: Como utilizar o teatro como ferramenta de inclusão?	
<p style="text-align: center;">1 – INTRODUÇÃO</p> <p>Compreendendo o ensino teatro como um espaço de construção cognitiva, científica e sensível, a aula a ser ministrada busca instigar nos alunos reflexões e sensibilizações sobre autismo para que se tornem seres inclusivos, por meio da pedagogia teatral, alicerçando-se em jogos teatrais e dramáticos como base para a problematização e reflexão do tema. O mesmo torna-se relevante pois, a inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor que, por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade, o que faz a discussão sobre o tema de extrema importância.</p>	
<p style="text-align: center;">2 – OBJETIVOS</p> <p style="text-align: center;">2.1 – OBJETIVO GERAL</p> <p>Tornar esses alunos seres inclusivos, que tenham a capacidade de entender e reconhecer o outro, de ter o prazer de conviver e compartilhar vivências diferentes. A inclusão acolhe todas as pessoas, sem exceção. A importância de se trabalhar isso é o fato que a escola é o reflexo da vida do lado de fora, muitos alunos descobrem o mundo a partir</p>	

da escola. O grande ganho, para todos, é viver a experiência da diferença. Se os estudantes não passam por isso na infância, mais tarde terão muita dificuldade de vencer os preconceitos.

2.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Instigar discussões coletivas acerca do tema.
- Provocar reflexões do tema através de jogos teatrais, dramáticos e aulas experimentais.
- Discutir também sobre bullying e respeito.
- Proporcionar a criação de um elo de compaixão e afeto entre os alunos.
- Favorecer aos educandos o autoconhecimento.

3 – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Autismo.
- Inclusão.
- Jogos teatrais, dramáticos e aulas experimentais.

4 – METODOLOGIA

Aula será totalmente prática, mas no primeiro momento, estarei passando alguns informes aos alunos, como o motivo de eu estar estagiando e como isso irá contribuir para a minha formação de artista-pesquisador-docente. Em seguida, ministrarei os seguintes jogos, na mesma ordem. Respeito: o exercício consiste em os educandos construir juntos, um conceito de o que é respeito, para isso, cada aluno irá colocar a sua definição sobre o assunto em um pedaço de papel e o mesmo será colado em uma folha de cartolina que ficará exposta ao fundo da sala. Bom dia: em roda, os jogadores devem desejar, de forma aleatória, bom dia uns aos outros, mas usarão somente o olhar, no segundo momento será permitido a fala. Alongamento básico: braços (frente, trás e lados), pescoço (lados e rotação), ombros (rotação unilateral e junta), costas com rotação para trás, rotação do pés, descer o corpo devagar começando pela cabeça até tocar o chão, inferior de pernas (estender e flexionar), deitar sobre as pernas para trabalhar as costas, sentar no chão para esticar as pernas uma de cada vez, alongamento de

abdômen e bunda para cima, voltar a ficar de pé. Massagem em roda: em roda, cada aluno irá massagear o colega que está à sua frente, todo movimento sempre consciente para não machucar o próximo, massagear da maneira que gostaria de ser massageado, levando em consideração que a ordem será trocada para que assim todos possam se massagear, cuidar do outro. Mosquito: em roda, os jogadores são introduzidos para imaginarem que existe um mosquito na cabeça de cada um e que devem acertá-lo, para isso, um abaixa e os dois colegas que estão aos seus lados batem palma acima de sua cabeça de forma sincronizada e assim sucessivamente; exemplo: Maria abaixa, João e Pedro batem palma acima da cabeça de Maria, após isso, é João que abaixa e é Maria juntamente com Caio (que está no outro lado de João) que batem acima da cabeça de João. Maestro: Uma pessoa, que será o Detetive, sai do ambiente onde estão jogando e esperar o sinal para que volte ao espaço para adivinhar quem, dos que ficaram, está comando o demais com movimentos, esse mesmo, o Maestro, deve ser escolhido em um consenso de todos, ou seja, o Maestro faz movimentos e todos devem repetir para que o Detetive não descubra quem é o Maestro. Cobra Cega: em fileira, os jogadores devem caminhar pelo espaço de olhos fechados, os mesmos devem ser guiados pelo instrutor do jogo. Bola com Comandos: em círculo, os jogadores devem passar a bola de forma aleatória (para qualquer pessoa), para isso, antes, o jogador deve dizer uma letra do alfabeto e assim sucessivamente, não pode usar a mesma letra duas vezes seguidas; o segundo comando é que antes de jogar a bola, o jogador deve dizer uma palavra e quem receber a bola, deve dizer quantas sílabas tem a palavra; o terceiro comando é uma conta, quem receber a bola deve dizer o resultado; é aconselhável que vá adicionando os comandos aos poucos. Nunca três: os jogadores devem estar em duplas e uma dupla sobrando, uma pessoa será a mãe e a outra é quem poderá ser pega pela mãe, para impedir isso, essa pessoa deverá se juntar à uma das duplas, mas nunca pode ser um trio, então, alguém deve sair, de preferência a pessoa que não foi tocada.

<ul style="list-style-type: none"> • Recurso humano. • Duas folhas de cartolinas. • Uma bola grande, por exemplo, de vôlei.
<p style="text-align: center;">6 – MÉTODOS DE AVALIAÇÃO</p> <p>A avaliação será realizada de forma dinâmica, contínua e processual, a partir da observação e análise da participação dos educandos durante a aula. O método de avaliação, ocorrerá através de questionamentos orais que podem ser direcionados aos educandos.</p>
<p style="text-align: center;">7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</p> <p>BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. 10 ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2007.</p> <p>JAPIASSU. Ricardo. Metodologia do Ensino do Teatro. Campinas, SP: Papyrus, 2001</p>

<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES, JORNALISMO, TEATRO E LIBRAS COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO</p>	
<p>PLANO DE AULA</p>	
<p>PROFESSOR: Sávio Rodrigo Furtado Marques</p>	
<p>DISCIPLINA: Estágio Supervisionado II</p>	<p>DATA: 08/06 e 15/06 de 2018</p>
<p>PÚBLICO-ALVO: alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental I</p>	<p>CARGA HORÁRIA: 2 horas com total de 4 horas em um dia</p>
<p>TEMA: Como utilizar o teatro como ferramenta de inclusão?</p>	
<p style="text-align: center;">1 – INTRODUÇÃO</p> <p>Compreendendo o ensino teatro como um espaço de construção cognitiva, científica e sensível, a aula a ser ministrada busca instigar nos alunos reflexões e sensibilizações sobre autismo para que se</p>	

tornem seres inclusivos, por meio da pedagogia teatral, alicerçando-se em jogos teatrais e dramáticos como base para a problematização e reflexão do tema. O mesmo torna-se relevante pois, a inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor que, por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade, o que faz a discussão sobre o tema de extrema importância.

2 – OBJETIVOS

2.1 – OBJETIVO GERAL

Tornar esses alunos seres inclusivos, que tenham a capacidade de entender e reconhecer o outro, de ter o prazer de conviver e compartilhar vivências diferentes. A inclusão acolhe todas as pessoas, sem exceção. A importância de se trabalhar isso é o fato que a escola é o reflexo da vida do lado de fora, muitos alunos descobrem o mundo a partir da escola. O grande ganho, para todos, é viver a experiência da diferença. Se os estudantes não passam por isso na infância, mais tarde terão muita dificuldade de vencer os preconceitos.

2.3 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Instigar discussões coletivas acerca do tema.
- Provocar reflexões do tema através de jogos teatrais, dramáticos e aulas experimentais.
- Discutir também sobre bullying e respeito.
- Proporcionar a criação de um elo de compaixão e afeto entre os alunos.
- Favorecer aos educandos o autoconhecimento.

3 – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Autismo.
- Inclusão.
- Jogos teatrais, dramáticos e aulas experimentais.

4 – METODOLOGIA

Explicarei aos educandos nossos novos combinados: luz, câmera: quando eu falar “luz, câmera” eles devem dizer “ação!” e bater

uma palma; estátua: quando eu falar “estátua” todos devem permanecer estáticos; eco: quando eu falar “eco” eles devem repetir tudo o que eu disser até falar “eco” novamente. Em seguida, ministrarei os seguintes jogos, na mesma ordem. Jogo da evolução: gosma, coelho, macaco e ser humano. Esse é a ordem. Para evoluir deve ganhar o pedra, papel, tesoura que irá jogar com alguém que esteja no teu mesmo nível. Indo eu: uma dança em roda, indo eu, indo eu, a caminho de Viseu (x2), encontrei o meu amor, ai, ai, ai que lá vou eu (x2), olha truz, truz, truz, olha traz, traz, traz (x2) olha chega, chega, chega, olha arreda lá para trás (x2). Indo eu, indo eu, a caminho de Viseu: em círculo, deve andar para o lado esquerdo. Quando for repetir, deve ser em sentido contrário, para o lado direito. Encontrei o meu amor, ai, ai, ai que lá vou eu: volta para o lado esquerdo, mas dessa vez com a coluna abaixada também para o lado esquerdo, quase que deitando sobre o colega. Quando for repetir, todos os movimentos, deve ser em sentido contrário, para o lado direito. Olha truz, truz, truz: todo mundo para e vira para um colega, no “olha” bate uma palma, e em cada “truz” é uma palma coletiva com esse colega. Olha traz, traz, traz: os mesmos movimentos anteriores, mas dessa vez é com o colega do outro lado. Olha chega, chega, chega: todos dão as mãos novamente e vão para o meio do círculo. Olha arreda lá para trás: ainda de mãos dadas todos vão para trás. Dança do abraço: levantar o braço, levantar o outro, fazer bambolê (mexer a cintura) e mexer o seu pescoço, olhe para cima, olhe para baixo, pegue um amigo e lhe dê um abraço. O número de pessoas pode variar, por exemplo, três amigos, dez amigos, todo mundo. O ritmo pode ser mais lento ou mais rápido. Choque: em círculo com as mãos dadas, uma espécie de choque irá circular pelos jogadores. É um apertar a mão. Sempre que receber o choque pela mão direita, deve repassar pela mão esquerda. Pode ser adicionado mais choques até mesmo em sentidos contrários. Após um tempo, o jogador pode deixar evidente que recebeu o choque através de careta, mexendo o corpo, entre outros. Elefante: em círculo com o instrutor no meio. Para quem ele apontar o dedo, a pessoa deve fazer a tromba do elefante, que

nesse jogo, é formada com cada uma de suas mãos fechadas na frente do nariz e os jogadores ao lado fazem as orelhas usando suas mãos, o jogador que estiver em sua direita faz a orelha direita colando a mão – aberta em direção ao instrutor – na orelha da pessoa e assim o jogador que estiver na sua esquerda também faz. A imagem só deve ser desfeita quando o instrutor abaixar o dedo. O ritmo para formar a imagem do elefante pode variar de acordo com a velocidade em que o instrutor aponta, se ele vai apontando devagar, os jogadores devem fazer de forma lenta. Cada mão do instrutor pode ser responsável para formar uma imagem de elefante. Nunca Três: os jogadores devem estar em duplas e uma dupla sobrando, uma pessoa será a mãe e a outra é quem poderá ser pega pela mãe, para impedir isso, essa pessoa deverá se juntar à uma das duplas, mas nunca pode ser um trio, então, alguém deve sair, de preferência a pessoa que não foi tocada.

5 – RECURSOS DIDÁTICOS

- Recurso humano.

6 – MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação será realizada de forma dinâmica, contínua e processual, a partir da observação e análise da participação dos educandos durante a aula. O método de avaliação, ocorrerá através de questionamentos orais que podem ser direcionados aos educandos.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. 10 ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2007.

JAPIASSU. Ricardo. Metodologia do Ensino do Teatro. Campinas, SP: Papyrus, 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES, JORNALISMO,
TEATRO E LIBRAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO	
PLANO DE AULA	
PROFESSOR: Sávio Rodrigo Furtado Marques	
DISCIPLINA: Estágio Supervisionado II	DATA: 29/06 de 2018
PÚBLICO-ALVO: alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental I	CARGA HORÁRIA: 2 horas com total de 4 horas em um dia
TEMA: Como utilizar o teatro como ferramenta de inclusão?	
<p style="text-align: center;">1 – INTRODUÇÃO</p> <p>Compreendendo o ensino teatro como um espaço de construção cognitiva, científica e sensível, a aula a ser ministrada busca instigar nos alunos reflexões e sensibilizações sobre autismo para que se tornem seres inclusivos, por meio da pedagogia teatral, alicerçando-se em jogos teatrais e dramáticos como base para a problematização e reflexão do tema. O mesmo torna-se relevante pois, a inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor que, por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade, o que faz a discussão sobre o tema de extrema importância.</p>	
<p style="text-align: center;">2 – OBJETIVOS</p> <p style="text-align: center;">2.1 – OBJETIVO GERAL</p> <p>Tornar esses alunos seres inclusivos, que tenham a capacidade de entender e reconhecer o outro, de ter o prazer de conviver e compartilhar vivências diferentes. A inclusão acolhe todas as pessoas, sem exceção. A importância de se trabalhar isso é o fato que a escola é o reflexo da vida do lado de fora, muitos alunos descobrem o mundo a partir da escola. O grande ganho, para todos, é viver a experiência da diferença. Se os estudantes não passam por isso na infância, mais tarde terão muita dificuldade de vencer os preconceitos.</p> <p style="text-align: center;">2.4 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Instigar discussões coletivas acerca do tema. 	

- Provocar reflexões do tema através de jogos teatrais, dramáticos e aulas experimentais.
- Discutir também sobre bullying e respeito.
- Proporcionar a criação de um elo de compaixão e afeto entre os alunos.
- Favorecer aos educandos o autoconhecimento.

3 – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Autismo.
- Inclusão.
- Jogos teatrais, dramáticos e aulas experimentais.

4 – METODOLOGIA

Cantar o seu nome: de forma livre/circulando pelo espaço todos devem cantar seus nomes. Pode ser em um ritmo próprio de qualquer maneira ou no ritmo de alguma música que conhece. Após um tempo, em círculo, cada jogador deve ir para o meio para cantar o seu nome e os demais devem ajudar se souberem o ritmo e/ou batendo palmas. Vaso quebrado: cada jogador deve ir para o meio da roda dançar da sua forma, mas seguindo a música que é cantada pelos demais. Fulano vai ter que entrar, na olaria do povo (x2), ele desce como vaso velho e quebrado e sobe como vaso novo (x2). Jho – Ha – Kill: Em círculo, o jogo consiste em os jogadores repassem uma energia entre eles. Para isso, existem 3 maneiras de repassar essa energia. Antes de tudo, é importante dizer o nome do comando no momento que utilizar e manter contato visual com a pessoa para quem for repassar a energia. Vamos aos comandos: Jho: pode repassar para qualquer jogador, menos para quem estiver nas suas laterais. O movimento é de braços esticados para frente com as mãos unidas. Ha: quem recebe o Jho deve fazer o Ha. O movimento é de elevar os braços e dobrar um pouquinho a coluna para trás. Assim que o Kill for feito, a pessoa já pode repassar a energia com o Jho. Kill: quando determinado jogador fizer o Ha, os jogadores das suas laterais devem fazer o Kill ao mesmo tempo. O movimento consiste em levar os braços esticados para a barriga de quem fez o Ha. Os jogadores devem ter em

mente que é uma palavra fragmentada: JHO – HA – KILL. Em outras palavras, quanto mais rápido fizerem os comandos, melhor. Critérios de eliminação: quem não seguir os comandos, quem demorar para fazer os comandos e quem se confundir achando que recebeu a energia. Gato e rato: é igual a brincadeira do pega-pega, as regras são as mesmas, mas aqui a “mãe” é o gato e os demais são os ratos, ou seja, todos devem agir de tal forma. Sentando nas pernas uns dos outros: um voluntário deve sentar em uma cadeira e um outro deve sentar em suas coxas e assim sucessivamente até que todos estejam sentados. Após isso, a cadeira deve ser retirada e os jogadores devem permanecer sentados sem cair. João-bobo: em um grupo pequeno de pessoas, forma-se um círculo e uma pessoa fica no centro dele. Com os pés juntos, a pessoa do centro, concentrada, com olhos fechados (recomendado) começa se fazendo de joão-bobo, com a finalidade de se entregar nas mãos dos companheiros de grupo que estarão ao redor da pessoa para pega-la e empurra-la para um outro lado, sem deixar que a pessoa do centro caia. Todos os membros do grupo devem ir ao centro do círculo para também fazer-se de joão-bobo. Método de avaliação.

5 – RECURSOS DIDÁTICOS

- Recurso humano.
- Folhas A4.
- Canetinhas.

6 – MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação será realizada de forma dinâmica, contínua e processual, a partir da observação e análise da participação dos educandos durante a aula. O método de avaliação, primeiramente, ocorrerá através de questionamentos orais que podem ser direcionados aos educandos. Posteriormente, no decorrer da sequência didática, os graduandos terão oportunidade de discorrer sobre o tema por meio de participação em aula, experiências em práticas de ensino, pois, visando que muitos alunos não se sentem muito bem em falar, irei usar como principal método de avaliação: a escrita. Disponibilizarei para os alunos

folhas em branco onde possam escrever e refletir sobre aquilo que se foi trabalhado nas aulas, tudo isso de forma livre, seja através de desenhos, palavras, frases, entre outros. Para isso, irei conduzi-los com apenas duas perguntas: “o que é autismo?” e o “que é teatro?”.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. 10 ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2007.

JAPIASSU. Ricardo. Metodologia do Ensino do Teatro. Campinas, SP: Papyrus, 2001

ANEXO B — Projeto de Estágio Supervisionado III: COMO TRABALHAR O TEATRO COM INDIVÍDUOS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS FÍSICAS OU PSICOLÓGICAS?

Sávio Rodrigo Furtado Marques

PROJETO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

Macapá
Universidade Federal do Amapá
2018

Sávio Rodrigo Furtado Marques

COMO TRABALHAR O TEATRO COM INDIVÍDUOS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS FÍSICAS OU PSICOLÓGICAS?

Projeto apresentado à disciplina Estágio Supervisionado III, do Curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, sob supervisão da Prof. Juliana Lemos.

Macapá
Universidade Federal do Amapá
2018

• APRESENTAÇÃO

Na turma onde fiz o meu primeiro estágio supervisionado, havia um menino com síndrome de Down. A partir disso presenciei alguns momentos que envolviam o mesmo, me fazendo refletir sobre inclusão. Foi nesse momento que despertei o meu interesse sobre esse assunto. No meu segundo estágio supervisionado, novamente trabalhei com inclusão escolar, já que em ambas as turmas onde estagiei, havia um aluno autista. E agora, estou estagiando no centro educacional Raimundo Nonato, onde atendem somente pessoas com necessidades específicas físicas ou psicológicas, para mais uma vez, investigar sobre o assunto.

Com isso, o resultado esperado é positivo, que eu consiga trabalhar o teatro com esses alunos e que eles possam vivenciar a prática do fazer teatral. Para isso, necessito de ajuda de pessoas capacitadas de alguma forma que possa servir como auxílio para o meu trabalho, cujo, são todos aqueles que estão me dando suporte de forma direta ou indireta, são todos os indivíduos que eu posso contar com a colaboração, o que varia de colegas de turma à teóricos que falem sobre o tema e afins.

O público beneficiado serão os educandos, uma vez que o teatro pode auxiliar no processo de desenvolvimento deles. Esse trabalho ocorrerá no Centro Educacional Raimundo Nonato, com os grupos de educandos, no período entre setembro e dezembro, nas quintas, na aula de artes plásticas, sob supervisão da professora Jovelina.

• JUSTIFICATIVA

Esse estágio supervisionado também faz parte da minha pesquisa de tcc, que o mesmo, será de estudo de caso com abordagem qualitativa. Nesse estágio estarei investigando como é o ensino que trabalha somente com pessoas com necessidades específicas físicas ou psicológicas e como utilizar o teatro nesse processo de aprendizagem. Trabalhar com pessoas com necessidades específicas físicas ou psicológicas exige preparo e dedicação. Trabalhar com vários e somente esses sujeitos específicos ao mesmo tempo exige estudo e perseverança. Rossana Ramos (2005, 8) ressalta:

É preciso, portanto, em uma perspectiva didática inclusiva, considerar os diferentes modos e tempos de aprendizagem como um processo natural dos indivíduos, sobretudo daqueles com evidentes limitações físicas ou mentais.

Será uma experiência própria enquanto artista-pesquisador-docente. Essa experiência é necessária pelo fato de que todo e qualquer professor tem de estar preparado e capacitado para trabalhar com qualquer aluno, sem nenhuma segregação. E através dessa experiência, busco esse conhecimento que irá servir tanto para mim, mas espero também que esse projeto sirva como base de estudo para outros profissionais.

- OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Proporcionar um teatro adaptado para pessoas com necessidades específicas físicas ou psicológicas.

Objetivo específico:

- Analisar toda a prática vivenciada, enfatizando os pontos positivos e negativos.

- Analisar o sistema de ensino oferecido pelo centro educacional Raimundo Nonato.

- CONTEÚDOS

- Jogos teatrais.

- METODOLOGIA

Irei utilizar como principal ferramenta de metodologia os jogos teatrais da atriz pedagoga norte-americana Viola Spolin. Em seu livro “Improvisação para o teatro”, Spolin (2010) nos enfatiza que:

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer - é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las.

Viola Spolin surge como alternativa absolutamente significativa ao trabalho com a linguagem teatral na escola, se concretizando como um grande suporte pedagógico aos professores de teatro. Os jogos teatrais de Viola Spolin propõem reflexões e aprendizados a partir das experiências de jogar na vivência do jogo, os jogadores

aprendem na prática com o corpo, sendo esse o principal material de uso para poder participar de qualquer jogo.

- AVALIAÇÃO

Pretendo avaliar e refletir sobre a minha prática enquanto docente, a partir da fala daqueles que por alguma razão não conseguem escrever e/ou desenhar; e também através da escrita livre (narrativa ou desenhos) daqueles alunos que por alguma razão não conseguem falar.

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro \ Viola Spolin; [tradução e revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos]. – São Paulo: Perspectiva, 2010.- (Estudos; 62\ dirigida por J. Guinsburg).

RAMOS, Rossana. PASSOS PARA INCLUSÃO. São Paulo – SP: Cortez Editora. 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES, JORNALISMO, TEATRO E LIBRAS COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO	
PLANO DE AULA	
PROFESSOR: Sávio Rodrigo Furtado Marques.	
DISCIPLINA: Estágio Supervisionado III	PÚBLICO-ALVO: alunos do Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues.
DATA: 18/10 e 25/10 de 2018.	CARGA HORÁRIA: 5h cada dia.
TEMA: Como trabalhar o teatro com pessoas com necessidades específicas físicas ou mentais?	
<p>1 – INTRODUÇÃO</p> <p>Compreendendo o ensino teatro como um espaço de construção cognitiva, científica e sensível, a aula a ser ministrada busca trabalhar com educandos que têm necessidades específicas físicas ou mentais, por meio da pedagogia teatral, alicerçando-se em jogos teatrais. O mesmo torna-se relevante pois, a inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor que, por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade, o que faz a discussão sobre o tema de extrema importância.</p>	
<p>2 – OBJETIVOS</p> <p>Objetivo geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experienciar um teatro adaptado para pessoas com necessidades específicas físicas ou psicológicas. <p>Objetivo específico:</p>	

- Analisar toda a prática vivenciada, enfatizando os pontos positivos e negativos.
- Analisar o sistema de ensino oferecido pelo centro educacional Raimundo Nonato.

3 – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Jogos teatrais.

4 – METODOLOGIA

Aula será totalmente prática, mas no primeiro momento, estarei passando alguns informes aos alunos, como o motivo de eu estar estagiando e como isso irá contribuir para a minha formação de artista-pesquisador-docente. Em seguida, ministrarei os seguintes jogos, na mesma ordem. **Bom dia:** em roda, os jogadores devem desejar, de forma aleatória, bom dia uns aos outros, mas usarão somente o olhar, no segundo momento será permitido a fala. **Alongamento básico:** braços (frente, trás e lados), pescoço (lados e rotação), ombros (rotação unilateral e junta), costas com rotação para trás, rotação do pés, descer o corpo devagar começando pela cabeça até tocar o chão, inferior de pernas (estender e flexionar), deitar sobre as pernas para trabalhar as costas, sentar no chão para esticar as pernas uma de cada vez, alongamento de abdômen e bunda para cima, voltar a ficar de pé. **Massagem em roda:** em roda, cada aluno irá massagear o colega que está à sua frente, todo movimento sempre consciente para não machucar o próximo, massagear da maneira que gostaria de ser massageado, levando em consideração que a ordem será trocada para que assim todos possam se massagear, cuidar do outro. **Batismo:** em roda, cada jogador deverá dizer o seu nome e fazer um gesto, mas à medida que cada jogador faz esses comandos, eles se acumulam, ou seja, o próximo deverá falar o nome e fazer o gesto do jogador anterior. **Mosquito:** em roda, os jogadores são introduzidos para imaginarem que existe um mosquito na cabeça de cada um e que devem acertá-lo, para isso, um abaixa e os dois colegas que estão aos seus lados batem palma acima de sua cabeça de forma sincronizada e assim sucessivamente; exemplo: Maria abaixa, João e Pedro batem palma

acima da cabeça de Maria, após isso, é João que abaixa e é Maria juntamente com Caio (que está no outro lado de João) que batem acima da cabeça de João.

Nunca três: os jogadores devem estar em duplas e uma dupla sobrando, uma pessoa será a mãe e a outra é quem poderá ser pega pela mãe, para impedir isso, essa pessoa deverá se juntar à uma das duplas, mas nunca pode ser um trio, então, alguém deve sair, de preferência a pessoa que não foi tocada.

Maestro: Uma pessoa, que será o Detetive, sai do ambiente onde estão jogando e esperar o sinal para que volte ao espaço para adivinhar quem, dos que ficaram, está comando o demais com movimentos, esse mesmo, o Maestro, deve ser escolhido em um consenso de todos, ou seja, o Maestro faz movimentos e todos devem repetir para que o Detetive não descubra quem é o

Maestro. Jogo do Elefante: em círculo com o instrutor no meio. Para quem ele apontar o dedo, a pessoa deve fazer a tromba do elefante, que nesse jogo, é formada com cada uma de suas mãos fechadas na frente do nariz e os jogadores ao lado fazem as orelhas usando suas mãos, o jogador que estiver em sua direita faz a orelha direita colando a mão – aberta em direção ao instrutor – na orelha da pessoa e assim o jogador que estiver na sua esquerda também faz. A imagem só deve ser desfeita quando o instrutor abaixar o dedo. **Vozes**

de animais: o orientador propõe aos alunos que cada um escolha um animal de sua preferência, o animal escolhido pelo aluno é comunicado a todo o grupo e assim, cada um dos alunos deverá imitar a voz do animal que escolheu, imitando também os gestos característicos. **Ruas e Vielas:** É um pega-pega.

Forma-se duas fileiras, uma ao lado da outra, mas com um espaço que dê para circular entre elas. Uma dupla fica de fora, onde um será a mãe e o outro poderá ser pego. Os demais, que estão nas fileiras, quando o instrutor falar “ruas” devem esticar seus braços para que toquem nos braços dos jogadores da outra fila; quando for dito “vuelas” devem esticar seus braços para que toquem somente nos braços dos jogadores da sua fileira. Assim, a todo momento do jogo, formam-se espaços para que a mãe e a outra pessoa circulem. **Ping e**

Pong: em círculo, consiste em os jogadores passarem uma energia uns para os outros, tem dois comandos, o ping: dizer esse nome e bater uma palma para o jogador que for receber; o pong: consiste em bloquear, para isso, é necessário

dizer esse nome e levantar os braços. **Gato e Rato:** É igual a brincadeira do pega-pega, as regras são as mesmas, mas aqui a “mãe” é o gato e os demais são os ratos, ou seja, todos devem agir de tal forma.

5 – RECURSOS DIDÁTICOS

- Recurso humano.

6 – MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

Pretendo avaliar e refletir sobre a minha prática enquanto docente, a partir da fala daqueles que por alguma razão não conseguem escrever e/ou desenhar; e também através da escrita livre (narrativa ou desenhos) daqueles alunos que por alguma razão não conseguem falar.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. 200 JOGOS E EXERCÍCIOS PARA ATORES E NÃO-ATORES. Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro – RJ. 1982.

JAPIASSU. Ricardo. METODOLOGIA DO ENSINO DO TEATRO. Campinas, SP: Papirus, 2001.

REVERBAL, Olga. OFICINA DE TEATRO. Porto Alegre: Kuarup. 1993.

SPOLIN, Viola. JOGOS TEATRAIS - O FICHARIO DE VIOLA SPOLIN. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

**DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES, JORNALISMO, TEATRO E
LIBRAS**

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

PLANO DE AULA

PROFESSOR: Sávio Rodrigo Furtado Marques.

DISCIPLINA: Estágio Supervisionado III	PÚBLICO-ALVO: alunos do Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues.
DATA: 1/11 e 8/11 de 2018.	CARGA HORÁRIA: 5h cada dia.
TEMA: Como trabalhar o teatro com pessoas com necessidades específicas físicas ou mentais?	
1 – INTRODUÇÃO	
<p>Compreendendo o ensino teatro como um espaço de construção cognitiva, científica e sensível, a aula a ser ministrada busca trabalhar com educandos que têm necessidades específicas físicas ou mentais, por meio da pedagogia teatral, alicerçando-se em jogos teatrais. O mesmo torna-se relevante pois, a inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor que, por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade, o que faz a discussão sobre o tema de extrema importância.</p>	
2 – OBJETIVOS	
<p>Objetivo geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experienciar um teatro adaptado para pessoas com necessidades específicas físicas ou psicológicas. <p>Objetivo específico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Analisar toda a prática vivenciada, enfatizando os pontos positivos e negativos. • Analisar o sistema de ensino oferecido pelo centro educacional Raimundo Nonato. 	
3 – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	
<ul style="list-style-type: none"> • Jogos teatrais. 	
4 – METODOLOGIA	

Combinados: Luz, câmera: quando eu falar “luz, câmera” eles devem dizer “ação!” e bater uma palma; estátua: quando eu falar “estátua” todos devem permanecer estáticos; eco: quando eu falar “eco” eles devem repetir tudo o que eu disser até falar “eco” novamente. Os combinados podem ser utilizados em qualquer momento da aula. **Bom dia:** em roda, os jogadores devem desejar, de forma aleatória, bom dia uns aos outros, mas usarão somente o olhar, no segundo momento será permitido a fala. **Alongamento básico:** braços (frente, trás e lados), pescoço (lados e rotação), ombros (rotação unilateral e junta), costas com rotação para trás, rotação do pés, descer o corpo devagar começando pela cabeça até tocar o chão, inferior de pernas (estender e flexionar), deitar sobre as pernas para trabalhar as costas, sentar no chão para esticar as pernas uma de cada vez, alongamento de abdômen e bunda para cima, voltar a ficar de pé. **Vaso Quebrado:** cada jogador deve ir para o meio da roda dançar da sua forma, mas seguindo a música que é cantada pelos demais. Fulano vai ter que entrar/ Na olaria do povo (x2) / Ele desce como vaso velho e quebrado/ E sobe como vaso novo (x2). **Dança Do Abraço:** levantar o braço/ Levantar o outro/ Fazer bambolê (mexer a cintura) / E mexer o seu pescoço/ Olhe para cima/ Olhe para baixo/ Pegue um amigo e lhe dê um abraço. O número de pessoas pode variar, por exemplo, três amigos, dez amigos, todo mundo. O ritmo pode ser mais lento ou mais rápido. Pula Corda Imaginária: os jogadores devem imaginar uma corda do qual irão utilizar para pular. **Hipnotismo Colombiano:** é necessário formar duplas onde uma pessoa da dupla vai hipnotizar a outra com a sua mão, quem estiver sendo hipnotizado deve sempre seguir fixamente a mão do hipnotizador, após um tempo a ordem deve ser invertida. **Ninguém com Ninguém:** formam-se duplas. O orientador vai dar comandos de duas partes do corpo as quais os jogadores (em suas duplas) terão que utilizar para se relacionarem, pode ser barriga com ombro, por exemplo. E quando o orientador falar “ninguém com ninguém” as duplas devem serem trocadas de forma aleatória e de imediato. **Máquina Maluca:** um grande grupo é formado. Os jogadores colocam-se no espaço, os mais afastados possível uns dos outros. A um sinal previamente combinado todos correm para o centro do espaço e formam uma figura abstrata. O contato é feito

apenas pelo corpo e olhar. **Máquina Maluca Sonora:** o orientador explica “quando ouvirem o sinal, o primeiro da fila horizontal, que está à direita, corre para o centro e toma uma posição, imaginando que é uma parte de uma máquina. A seguir, sempre ela direita, cada um vai completando a máquina”. **Imaginando Esculturas:** grupos são formados. Um voluntário irá ser uma espécie de massa para que os demais do seu grupo possam formar imagens com o seu corpo. É feito um reversamento entre os voluntários. **Sol:** um aluno representa o sol, os demais criam atitudes diante do sol, cada um a sua. **Espelho:** em duplas, um frente ao outro, o primeiro esboça um movimento e o outro deve imitar, a ordem se inverte. **Sons:** o orientador coloca uma fita gravada com os mais diversos sons, pausas, mudanças de ritmos. Os jogadores, em grupo, criam movimentos, gestos e atitudes a partir dos sons. **Ouvindo e Descobrimdo:** o jogador deve representar um animal utilizando voz e movimento. Os demais deverão dizer qual é o animal. **Era Uma Vez:** sentados em círculo, um jogador deve iniciar uma história, tendo direito a três frases. Cada jogador deve continuar a história até chegarem a um final.

5 – RECURSOS DIDÁTICOS

- Recurso humano.

6 – MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

Pretendo avaliar e refletir sobre a minha prática enquanto docente, a partir da fala daqueles que por alguma razão não conseguem escrever e/ou desenhar; e também através da escrita livre (narrativa ou desenhos) daqueles alunos que por alguma razão não conseguem falar.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. 200 JOGOS E EXERCÍCIOS PARA ATORES E NÃO-ATORES. Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro – RJ. 1982.

JAPIASSU. Ricardo. METODOLOGIA DO ENSINO DO TEATRO. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

REVERBAL, Olga. OFICINA DE TEATRO. Porto Alegre: Kuarup. 1993.

SPOLIN, Viola. JOGOS TEATRAIS - O FICHARIO DE VIOLA SPOLIN.
2012.